Caetano da Camara Manoel

Atravez A cidade de Evora

ou

APONTAMENTOS

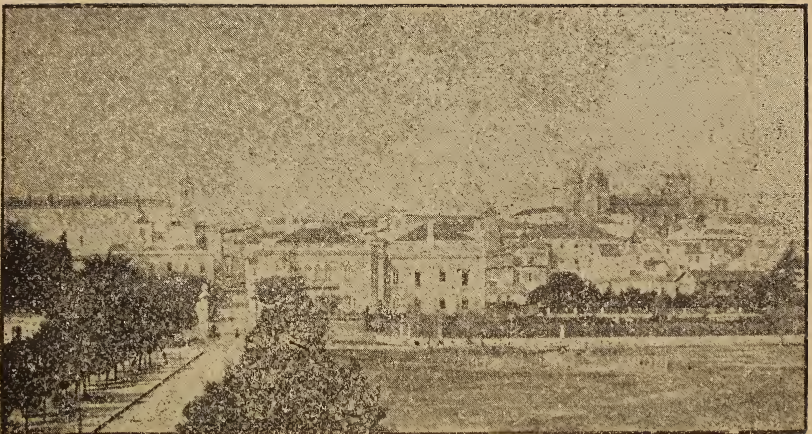
SOBRE

A cidade de Evora e seus monumentos

«.. Apis modoque grata
«Carpentis thyma...»

HORACIO.

1900



VISTA DA CIDADE (Lado sul)

Atravez a cidade de Evora



EDITORES — *Ferreira, Irmão & C.ª*

MINERVA COMMERCIAL

Rua do Paço, 32 — EVORA



CAETANO DA CAMARA MANOEL

ATRAVEZ A CIDADE DE EVORA

OU

APONTAMENTOS

SOBRE

A CIDADE DE EVORA E SEUS MONUMENTOS

«.....Apis modoque grata
«Carpentis thyma.....»

HORACIO.



EVORA
MINERVA COMMERCIAL
RUA DO PAÇO, 32
1900

BIBLIOGRAPHIA

Evora illustrada do P.e Fialho — M.s da Bibliotheca d'Evora — cod. $\frac{130}{1-8}$ § 550

Evora gloriosa do P.e Francisco da Fonseca.

Evora lastimosa de José Joaquim da Silva (1814).

Historia das antiguidades da cidade de Evora por André de Rezende.

Antiguidades de Evora por Diogo Mendes de Vasconcellos.

Historia das antiguidades de Evora por Amador Patricio, (pseudonymo de Jeronymo Cardoso de Azevedo). E' do seculo XVII. (E' a Evora mentirosa).



AO LEITOR

«è fontibus... judicio arbitrioque nostro»

Cicero de off. Lib. 1.

«A critica é facil e a sciencia difficil.»

Boileau.

«Si quid novisti rectiùs istis
«Candidus imperti, si non his utere mecum.

***



INTRODUCÇÃO



HISTORIA da cidade de Evora é longa e interessante; é um epitome da historia universal, e, com especialidade, da do Reino, pois n'ella habitaram os romanos, os godos, os arabes ou mouros, etc. e os seus naturaes se distinguiram nas artes, nas sciencias, e em todos os acontecimentos que tiveram logar no Paiz, ou que se deram fóra, desempenharam papeis importantes.

Nas chronicas, em monographias, em illustrações, em revistas, em jornaes encontrará facilmente o curioso com que satisfazer a sua curiosidade e o estudioso em que applicar a sua attenção com proveito. Por isso, occupar-me-hei simplesmente em dar uma summaria noticia da Evora monumental, não deixando comtudo de acompanhal'a de alguns apontamentos que possam interessar ao forasteiro, que desejoso de conhecer a Yeborah dos mussulmanos, a Ebora ou a Liberalitas Julia dos Romanos, a Elbora, a Erbora do latim dos foraes, venha á cidade a que o nosso Immortal Epico, no canto III do seu incomparavel poema se refere, dizendo:

«Eis a nobre cidade; certo assento,
«Do rebelde Sertorio antigamente».

EVORA ANTIGA E EVORA MODERNA

A cidade de Evora foi tomada aos Mouros em 1166 por Geraldo *sem pavor* e seus companheiros, que viviam homisiados nas serras de Montemuro, alternadamente em guerra e em paz com seus visinhos. Conquistada Evora, foi por Geraldo entregue a El-Rei D. Affonso Henriques, que, concedendo-lhe e aos do seu sequito perdão, o fez Alcaide mór da Cidade e deu foral. (*) Em memoria d'este feito foi dado á cidade por Brazão — Geraldo a cavallo galopando, a mão direita erguida com a espada nua, no campo do escudo, superiormente, a cabeça da moura á esquerda, a do mouro á direita. (**) — O Brasão mais antigo é aquelle que se vê na varanda da claustra da Sé, que é do Seculo 13.º.

Em recompensa foi dado a Pedro Alvares Cogominho, companheiro de Geraldo e seu emissario para entrega das chaves da cidade a El-Rei, por Brasão — Cinco chaves de prata em campo vermelho. — O solar dos Cogominhos é na Torre dos Coelheiros, distante de Evora tres legoas. Ainda existe, embora meia enterrada, na rua de D. Isabel, a porta da cidade por onde Geraldo e seus companheiros entraram por surpreza.

A cidade romana era cercada de uma muralha que teria 1080m de extensão e seguia pela Alcarcova

---

(*) No Archivo da Camara de Evora existe o Foral dado por El-Rei D. Manuel. E' curioso e mui interessante, principalmente, por traser uma vista da cidade, tirada do sitio denominado — Chafariz das Bravas.— Veja-se a discripção d'este foral nos *Estudos Eborenses* por Gabriel Pereira, fasciculo *Archivo Municipal*, paginas 11 e seguintes.

(**) Estas cabeças são do mouro e da filha que viviam na atalaya que, segundo a lenda, existia no sitio denominado — Pinheiros de S. Bento — e que foram mortos por Geraldo, antes de atacar a cidade. Sobre a tomada da cidade de Evora lêa-se os *Quadros historicos de Portugal* por Antonio Feliciano de Castilho, e sobre o seu Brazão os *Estudos Eborenses* por Gabriel Pereira, fasciculo *O Brazão de Evora*.

de baixo e de cima, Igreja do Salvador, arco de D. Izabel, muralha norte do passeio de Diana, palacio dos Condes de Basto (pateo de S Miguel), angulo da rua do Collegio (hoje rua do Conde da Serra da Tourega), onde existiu a torre *mouchinha*, Freiria de baixo ao largo da Misericordia, e Igreja de S. Vicente (*)

Esta cerca defendeu ainda a cidade no dominio do Godo e do Arabe.

Restos dessa muralha e das pequenas torres romanas que de espaço a espaço a flanquearam ainda subsistem em alguns pontos da cidade.

Aos Godos attribue a tradição as torres de Sesibuto da rua Nova e da rua da Sellaria. Semelhantes a estas são a do extincto convento do Salvador aonde está o mirante; a que existia nos actuaes Paços do Concelho, as duas que existem no sitio denominado — Poço de S. Manços — e as duas do Palacio Cadaval.

No seculo XVI ainda se dava o nome d'*alcarcova* (palavra de origem arabe) ás ruas do Menino Jesus, e do Conde da Serra da Tourega (antiga rua do Collegio); hoje só se dá esse nome á uma rua parallella á praça de Geraldo.

No reinado d'El-Rei D. Affonso IV começou-se (1353) a formar nova cinta de muralhas, álem dos muros romanos e arabes, a qual foi concluida por El-Rei D. Pedro 1.º. D. Fernando continuou a fortificar a cidade e destruiu grande porção da muralha romana. Estes muros antigos foram reforçados com novas edificacões por D. João IV e D. Pedro II.

A cidade, na epocha da conquista por Geraldo tinha cinco portas, donde partiam estradas romanas (**), das quaes ainda existem restos, não mui longe da cidade.

(*) Veja-se *Historia do exercito portuguez* por Christovão Ayres, 1.º vol. 1896 — pag. 434.

(**) Na nota F. do catalogo da Sala Gomes Palma, do Museo

Evora é ainda hoje cercada do seu cinto de muralhas (embora em ruina) e é circumdada por uma estrada que tem o desenvolvimento de cinco kilometros, e segue o que resta da cerca Fernandina e os baluartes do seculo XVII, o campo de acção dos assedios de 1663. Tem dez saidas, de cada uma das quaes parte uma estrada, que põe a cidade em communicação com o caminho de ferro, com outras terras do Paiz e de Hespanha.

A população da cidade é de 14:000 habitantes.

A sua altitude é de 302 metros.

A sua latitude é 38° 35',0 e a sua longitude (referida ao observatorio do castello de Lisboa) é de 1° 13'6 E.

O clima é pouco temperado e um dos mais quentes do Reino, sem por isso deixar de estar exposto no inverno a intensos frios.

Os ventos dos quadrantes de S. E. e N. E. são os mais quentes durante o estio e são indistinctamente denominados — suão —. No inverno são os mesmos ventos os mais frios.

EVORA ANTIGA

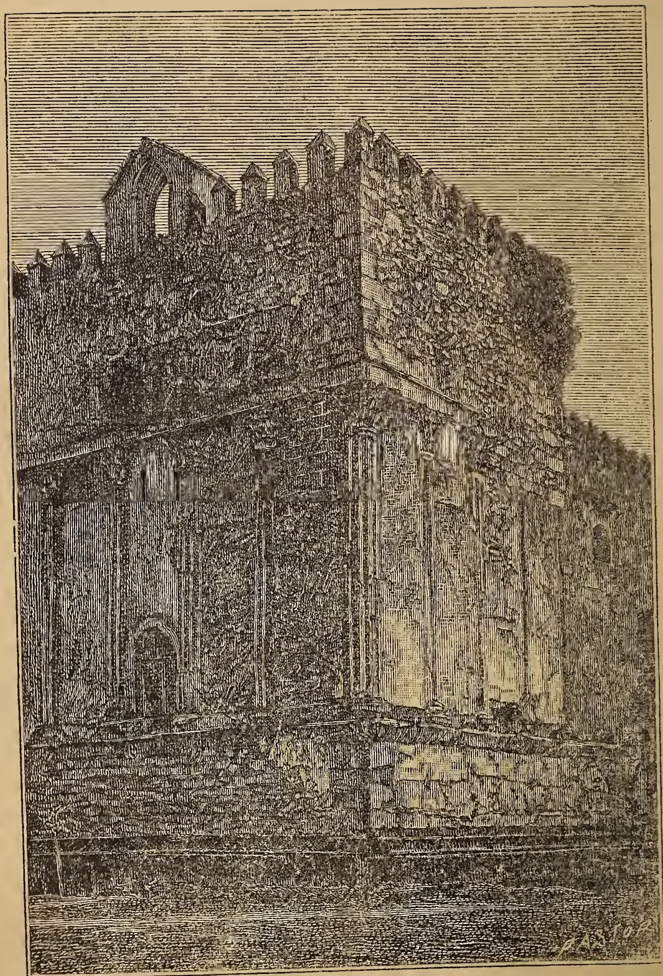
(ARO OU CERCA ROMANA)

Dentro da cerca romana ainda existe, na parte mais alta da collina em que se assentava a antiga cidade e aonde se assenta a nova cidade, desenvolvendo-se pelas suas encostas a terminar na planicie, que lhe serve de base, a torre denominada de Sertorio

---

Archeologico da Camara Municipal de Beja (na pagina 31) leem-se os pontos principaes da — via de Evora a Beja —.

Nas *Catacumbas* por A. F. Barata se encontra (na pagina 41) uma noticia das — vias militares romanas — que partiam de Evora.



TEMPLO ROMANO — (Açougue)

(hoje posto meteorologico), que é resto do antigo Castello (*), e não longe della as ruinas de um templo romano, denominado de Diana, o mais completo monumento romano áquem dos Pyreneos (segundo affirmação de entendidos).

A TORRE DE SERTORIO

Como construcção não tem cousa alguma de notavel. Sob o ponto de vista historico é digna de attenção, pelo papel que lhe coube nos tumultos de Evora, por occasião da acclamação de El-Rei D. João I, como se pode ver nas chronicas d'El-Rei D. Fernando e d'El-Rei D. João I.

TEMPLO ROMANO

Não ha documento conhecido que diga a que divindade era consagrado este templo. N'um dia alguem o denominou Templo de Diana, e assim continuou a chamar-se até hoje.

Serviu por muito tempo de açougue, ao que se deve a sua conservação.

Em 1870 foi desembaraçado das construcções que deturpavam as suas lindas columnas, e que haviam sido feitas para a sua apropriação para casa do almoutacél e açougue. Existem photographias do templo anteriormente a essa epocha. (**)

(*) Doado a Martim Affonso de Mello em 1446, e hoje pertencente á Excellentissima Casa Cadaval.

(**) No jornal *Artes e Letras*, acompanhando uma noticia sobre este Templo, vem uma d'essas photographias. Encontra-se na Bibliotheca publica de Evora o jornal e a photographia.

As principaes dimensões d'este edificio são:
Altura do embasamento, 3,ᵐ46
Largura no sóco, 15,ᵐ25
Comprimento no sóco, 25,ᵐ18
Altura da columna (total), 7,ᵐ68
Maior diametro do fuste, 1,ᵐ00
O intercolumnio, 1,ᵐ35 a 1,ᵐ68
A altura total do edificio (ao vertice ou fastigium) 15,ᵐ00.

A disposição das columnas, as suas proporções recordam a *Maison Carrée de Nîmes* (em França), os templos de Antonino e de Faustina (em Roma, 2.º seculo).

Pode-se classificar no 3.º seculo; porem com a maior probabilidade para o 2.º seculo, quando a influencia de Trajano e de Adriano alastraram a peninsula de obras de utilidade publica.



TEMPLO ROMANO

As columnas e o seu entablamento são de granito, os capiteis (de ordem corinthia) e as bases são de marmore branco. A applicação do granito conjunctamente com o marmore branco são vulgares em Evora.

N'umas excavações feitas, ha annos, em volta do Templo encontraram-se tanques feitos de *béton* (composto de tijolo partido em pequenas dimensões e argamassa hydraulica), semelhante áquelle que se vê ainda, em algumas partes, a guarnecer as faces do embasamento. Diz a tradição que a agua, denominada da Prata, com que se abastece ainda hoje a cidade vinha até estes tanques. Infelizmente, as excavações não continuaram e nem os tanques se conservaram. (*)

A SÉ DE EVORA (**)

Proximo do Templo de Diana está a Cathedral ou a Sé Metropolitana de Evora, fundada na era de 1224, que corresponde ao anno de Christo de 1186.

O bispo D. Payo (que começou a governar a diocese em 1180) é considerado como fundador da Sé, sendo a construcção continuada pelo bispo D. Durando (1267).

No anno 303, em que se celebrou o primeiro Concilio na Hespanha, em Eliberi (Granada) apparece como bispo de Evora Quinciano. Desde então até 1165 (em que foi tomada Evora) figura a Sé de Evora como tendo tido 11 bispos. Desde 1166 até 1540 (em que foi elevada a Metropolitana) teve 36 bispos. O primeiro Arcebispo foi o Cardeal D. Henrique (depois Rei), de cuja mitra tomou posse em 20 de Novembro de 1540.

Tem este Templo, interiormente, 43 metros de

(*) Sobre o Templo denominado de Diana encontra-se uma interessante noticia no *Boletim da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes*, anno 1883 e n.º 3.º, assignada por Gabriel Pereira. O vol. 13 do *Occidente* (pag. 187) tambem traz noticia e desenho.

(**) Veja Vilhena Barbosa — *Monumentos de Portugal;* — A. F Barata — *Memoria sobre a Sé;* — *O Occidente*, vol. 15, pag. 276.

comprimento e 20 metros de largura. Tem tres naves, sendo a central assim como o cruzeiro, guarnecida superiormente de *triforium* ou tribunas. No cruzeiro nota-se, na parte media, um lindo zimborio e nos seus topos (proximo da abobada que o cobre) dois lindissimos espelhos (rosaceas), guarnecidos de vidros corados de surprehendente effeito.

Na nave do lado da epistola (lado direito quando se olha para a capella mór) sobre um dos arcos, que a separam da nave central, vê-se uma figura de homem grosseiramente esculpida em pedra, que sobre o peito sustenta nas mãos um parallepipedo de pedra com umas letras de bello gothico redondo em relevo bem saliente — C C E.— O fallecido Dr. Augusto Filippe Simões, a quem Evora muito deve, suppunha que as letras significam — Constructor Cé — e que a figura é de Martim Domingues que foi *mestre da obra.*

Ha no corpo da igreja oito capellas, quatro de cada lado e no cruzeiro cinco. Alem disso ha na nave central encostado ao pilar de dois arcos um altar denominado da Senhora do Anjo, por ter no pilar opposto um anjo em vulto.

O côro de cima, notavel pela sua obra de talha, conta 74 cadeiras.

A architectura do corpo da igreja e do cruzeiro é do estylo gothico na sua introducção em Portugal, quasi nú de ornatos, ainda influenciado pelo estylo romano-bysantino nos pilares e nos capiteis.

A capella mór antiga (á que se refere a inscripção do bispo D. Durando, em versos leoninos, decifrados na *Revista Archeologica,* vol. IV, pag. 173-175, pelo fallecido Borges de Figueiredo, a qual se acha na capella do Santissimo, lado direito) foi demolida e edificada a existente desde os alicerces, começada em 1718 e concluida em 1746, segundo desenhos de João Antonio Ludovici, architecto da Basilica de Mafra, como se lê na inscripção que se acha na parte exte-

rior da parede oriental da mesma capella. Exceptuando o verde antigo, todos os marmores empregados na construcção da capella mór foram extrahidos das pedreiras de Montes Claros, da Serra d'Ossa, de Villa Viçosa e de Borba. As columnas monolithos do altar mór são magestosos exemplares de *bardilho manchado*, que não tem rival. Provieram das Pedreiras de Montes Claros (situadas no concelho de Borba).

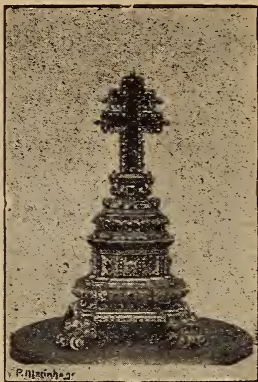
Contigua á igreja (lado sul) está a claustra (notavel pelas suas arcadas, oculos e estatuas) construida pelo bispo D. Pedro 4.º do nome, para n'ella se fazerem, em todo o tempo, com commodidade as procissões. N'esta claustra ha duas capellas (adulteradas e arruinadas): n'uma está um lindo sarcophago, que encerra os restos mortaes do Bispo, e tambem, embebida n'uma das paredes, a campa do bispo Juliano, a que se refere André de Rezende na sua *Historia de Evora*; na outra estão sarcophagos de dois cavalleiros pertencentes á muito nobre e antiga familia eborense dos condes de Basto (Castros, de treze arruellas).



A Sé

O thesouro da Sé é ainda notavel, apesar dos roubos pela invasão franceza (1808), sendo Arcebispo D. Frei Manuel do Cenaculo Villas Boas, que descança em campa rasa no antigo Collegio dos Jesuitas (hoje Real Casa Pia de Evora) e a quem se referem as inscripções lapidares existentes á entrada dos novos Paços do Concelho (na praça de Sertorio):

1.º— *Uma cruz de ouro* contendo uma reliquia do Santo Lenho; adorna-se esta Cruz com 840 diamantes rosa, 402 rubís, 180 esmeraldas, 2 saphiras, 1 jacintho oriental e um camapheu, ao todo 1:426 pedras preciosas. O Santo Lenho foi dadiva do Bispo D. Luiz Pires, da Casa do Morgado da Oliveira (1464 a 1467); o Arcebispo D. Frei Luiz da Silva, da casa dos Marquezes d'Alegrete (1691 a 1703) mandou fazer a Cruz; o camapheu de agatha, que representa a imagem de N. Senhora com o seu Santissimo Filho, foi um legado do conego coadjuctor Miguel Rimigio Lima, deixado para o cabido o mandar cravar no pé da Cruz do Sancto Lenho (1822). Na base da Cruz se vê em esmalte o brasão do Arcebispo Silva.


A Cruz

2.º—*Custodia e calice de prata dourada* do seculo XVI, tendo de altura 0,m78 e 0,m25 de diametro na base. Ha fundamento para suppôr-se que foi mandada fazer pelo bispo D. Affonso de Portugal (1485-1522).

3.º — *Baculo de prata dourada* foi mandado fazer pelo cardeal Infante D. Henrique sendo Arcebispo de Evora. Tem 0,m54 de altura e é do seculo XVI. (*)

4.º — *Calice de ouro esmaltado* com 0,m33 de altura. Foi offertado pelo conego arcediago Paulo Affonso em 1587. El-Rei o Sr. D. Fernando ficou maravilhado em presença do calix, quando em 9 de outubro de

(*) Veja-se o vol. 18 do *Occidente* (pag. 165).

1843, na companhia de Sua Magestade a Rainha Senhora D. Maria II visitou a Sé.

5.º — *Porta paz de prata dourada* com 0,m20 de altura. É obra do seculo XVIII.

A collecção de paramentos é vasta e rica:

N'ella se mostra um pallio com pinturas de algum mimo, feitas por um frade do convento dos Jeronymos do Espinheiro, com tintas por elle preparadas de flores do campo, segundo a tradição.

O pontifical de téla de prata, e de téla encarnada, bordados a ouro, e o preto foram dadivas do arcebispo D. Joaquim Xavier Botelho de Lima (1784 a 1800). Haviam sido mandados fazer em Roma pela Rainha Sr.ª D. Maria I para os offerecer ao seu confessor, o arcebispo de Thessalonica, cujas armas tem. Não tinham ainda sido usados, quando o Arcebispo Botelho de Lima os comprou.



A Custodia

Na Igreja é ainda digno de notar-se:

O grande crucifixo da capella mór, que é de madeira de cedro. A imagem foi feita por Manuel Dias, esculptor mui popular em Lisboa no seculo passado com a alcunha de *pae dos Christos,* em razão dos numerosos Christos que fazia;

O retabulo que é, segundo Vilhena Barbosa, pintado por Julio Cesar Femini, pintor romano, representa a Assumpção da Virgem, a quem a Sé é dedicada;

Os bustos de S. Pedro e de S. Paulo, em marmo-

re branco, assim como as estatuas, bustos e mais lavores ornamentaes da capella mór, que são obra do esculptor italiano, João Antonio de Padua;

A porta da sacristia;

A capella do Esporão mandada fazer no seculo XV pelo Morgado do Esporão. João Mendes de Vasconcellos. (*)

As capellas do Santissimo e das Reliquias (**) com a sua admiravel talha;

O baptisterio com o seu *fresco* e grade encimada com o brasão do bispo D. Affonso de Portugal (1484 a 1522);

O côro aonde são dignos de exame: a porta da entrada, os trabalhos de talha, a grande estante encimada por Nossa Senhora das Dores, o cadeirado e os orgãos. É de 1562.

Na entrada principal e na porta do Sol, conservam-se ediculos medievaes, com seus escudos e letreiros; na divisoria da capella mór e na do Santissimo existe uma pedra com uma longa inscripção descrevendo a batalha do Salado e a ida dos peões e dos cavalleiros eborenses que acompanharam D. Affonso IV. (***)

Na passagem da Igreja para o côro se acha a *vestiaria,* obra do Arcebispo D. Frei Miguel de Tavora (1741 a 1759), guarnecida de armarios distribuidos

---

(*) O quadro d'esta capella —*o descendimento da Cruz* — é attribuido a Francisco Nunes.

(**) Nos *Documentos historicos da cidade de Evora,* colligidos por Gabriel Pereira, vem (na parte III e pag. 59) transcripto de um manuscripto da Bibliotheca d'Ajuda, o *Catalogo das reliquias do Sanctuario da Sé de Evora.*

Evora abunda em obras de talha; não se conhece, porem, determinadamente nem um entalhador anterior ao seculo XVIII. Segundo uma nota de J. H. da Cunha Rivara sobre — *obras de talha em Evora* — «Antonio José Coelho, ultimo entalhador de Evora, fez a Ban«queta da Cartuxa para supprir a de prata que em 1807 levaram os «franceses. Esta banqueta está hoje na Sé. Banqueta chamamos á «cruz e castiçaes.»

(***) Esta inscripção vem traduzida na *Evora Gloriosa* do P.[e] Fialho e na *Memoria sobre a Sé* por A. F. Barata.

pelas dignidades, conegos, etc. conforme as suas antiguidades. Compõe-se de duas salas, uma para os conegos e outra para os beneficiados. Na primeira das salas estão os retratos dos bispos e na segunda os dos arcebispos, dispostos por ordem chronologica (*)

Do terraço da Sé disfructa-se, graças á sua grande elevação, um lindo panorama: vê-se a cidade *à vol d oiseau* e avista-se Arrayollos, Evoramonte, Redondo e a aldeia de N. Senhora de Machede (em cujas proximidades se acha Valle de Palma, aonde era o solar do morgado que foi de Jeronymo Corte Real).

O relogio dos quartos da torre da Sé foi feito por Francisco Fernandes, morador em Evora, durante o episcopado de D. Alexandre de Bragança. (**)

Na collecção dos *Documentos da Cidade de Evora*, por Gabriel Pereira, impressa em Evora — 1886, vem uma descripção do — Cartulario da Sé de Evora —; assim como, a indicação (colhida no Livro do P.e José Lopes de Mira, fl. 10, existente no Archivo Municipal) de que a — Constituição do Cabido Eborense — data da Era 1238 ou Anno 1200. (*Nota.*)

(*) Veja-se os *Esboços Chronologicos dos Arcebispos da Egréja de Evora* por Antonio Francisco Barata.

(**) Veja-se o livro *Artes e Artistas*, de Souza Viterbo, bem como a *Noticia dos bispos e arcebispos de Evora*, por A. F. Barata (pagina 30).

(Nota.) — Nota-se nas paredes e pilares da Igreja, exactamente como em tantos antigos edificios eborenses, rede formada por fitas de argamassa nas juntas dos silhares, ou fingindo juntas nas cantarias sobre um fundo côr de ervilha secca. O forasteiro estranha e muitas vezes acredita ser devido a mau gosto actual. O Sr. Gabriel Pereira, no fasciculo denominado *Roteiro de um Eborense em rapido por Madrid, Paris e Londres*, que faz parte dos seus *Estudos Eborenses*, diz

O PAÇO ARCHIEPISCOPAL

O bispo D. Paio (1180 a 1204) fundou junto ao Templo da Sé um mosteiro em que vivia com os seus conegos e, secularisados de todo estes, servio de palacio á maior parte dos Bispos de Evora; mas, crescendo depois a dignidade e a familia dos Prelados, passaram a viver em diversos palacios da cidade. O Infante Cardeal D. Affonso viveu na rua dos Infantes, a que elle e seus Irmãos derão o nome que ainda hoje tem; o Cardeal (ao depois Rei) Infante D. Henrique na rua da Mesquita, e no Paço de S. Francisco, e D. João de Mello (1534 a 1574) no palacio de Sertorio, que era no local aonde em 1605 foi construido o convento de freiras franciscanas, denominado convento do Salvador (*). Por motivo de commodidade propria, o arcebispo D. João de Mello mandou ampliar e reformar o antigo Palacio e se mudou para elle. O seu successor D. Theotonio de Bragança (1578 a 1602) o melhorou. O arcebispo D. Luiz da Silva completou a obra. Sobre a entrada principal do palacio está ainda hoje o brasão do Arcebispo D. José de Mello (da casa dos Marquezes de Ferreira) que egualmente melhorou a residencia prelaticia. Na grande casa de entrada do palacio se vê nos azulejos, que guarnecem as paredes, o brasão do Arcebispo D. Luiz da Silva, que era Irmão do 1.º conde de Villamaior.

Ultimamente mandou o governo, graças ás instan-

---

que vio em *St. Germain-en-Laye* no antigo e vasto palacio, aonde estão installadas as collecções de antiguidades nacionaes, fitas semelhantes.

O Abbade J. Mallet, no seu *Cours de Archéologie réligieuse,* diz: «Au XII et au XIII siecle particulierement, on a souvent aussi simi«lé,en peinture, des appareils. Ces appareils, tantot tres simples, tan«tot tres riches, sont blancs sur fond jaune ocre, ou, plus fréquem«ment, brun rouge sur fond blanc ou sur fond jaune pâle.»

(*) Superiórmente á porta lateral da Igreja do antigo convento está uma inscripção lapidar que vem transcripta na *Evora Gloriosa* (pag. 24).

cias do Sr. Arcebispo D. Augusto Eduardo Nunes, fazer obras no Palacio, que o melhoraram muito.

No Paço Archiepiscopal ha quadros de valor, sendo o principal o da Capella-Painel da Coroação da Virgem — a respeito do qual diz o Conde de Raczinski no seu *Diccionario historico-artistico de Portugal*:— «...é um bello trabalho de pintura gothica que vi «em Portugal. Elle participa do estylo de João Van «Eyck e parece da mesma epocha ou d'uma epocha pouco posterior » (*)

Este quadro é de madeira.

Entre os mesmos quadros se notam (na Secretaria) duas *grisalhas*, pinturas a claro escuro, representando scenas de caça, por Antonio de Hollanda, que viveu durante os reinados de El-Rei D. Manuel e de El-Rei D. João III (1495 a 1557); uns quadros do Morgado de Setubal, José Antonio Benedicto de Faria e Barros (fallecido em 1800 de idade não superior a 60 annos).

Vêm-se tambem differentes quadros em madeira que guarneciam a antiga capella-mór da Sé; quadros de pintura em cobre; um bello quadro de grandes dimensões, representando S. José com o menino Jesus e no ultimo plano a Virgem.

Tem na sala do docel duas mesas com tampos de marmore preto com embutidos a côres, representando flores (são italianas).

(*) Veja-se *Monumentos de Portugal* por Ignacio Vilhena Barbosa, pag. 350. *Un probleme d'Art*, por J. Moreira Freire, Lisbonne, 1898, pag. 162. *Estudos Eborenses*, de Gabriel Pereira, fasc. *Bellas Artes*.

BIBLIOTHECA PUBLICA

(Nota)

No antigo collegio dos moços do côro, annexo ao Paço archiepiscopal, em 1665, pelo Governador D. Fr. Luiz de Sousa, Bispo eleito do Porto, e ligado com elle por um passadiço, o arcebispo D. Frei Manuel de Cenaculo Villas Boas (1802 a 1814) fundou a Bibliotheca que hoje subsiste tutelada pelo Governo e patenteada ao publico.

No seu principio tinha a Bibliotheca sómente duas salas no pavimento alto do edificio; hoje occupa tambem o pavimento terreo e tem, no passeio publico, um annexo com a designação de *Museu Cenaculo*, que contem curiosos *cippos*, campas, pedras com inscripções e dois *trons*, etc.

No pavimento terreo do edificio da Bibliotheca estão as salas denominadas *Cenaculo* e *Botelho de Lima*, antecessor de Cenaculo e 14.º Arcebispo de Evora. No pavimento alto ha, alem da grande sala de leitura, circumdada de grandes estantes guarnecidas

---

(Nota) Lê-se na *Evora Gloriosa* (pag. 404): «El-Rei D. Affonso «V fez no seu Palacio de Evora a primeira Livraria que viu o nosso «Reyno comprando para isso a peso de ouro os livros que havia im«pressos e quantos poude achar manuscriptos.»

Houve em Roma, no Convento de franciscanos — *Ara Cœli* — uma bibliotheca denominada *Bibliotheca Eborense*, fundada em 1735 por Fr. José Maria da Fonseca e Evora, chamado no seculo José Ribeiro da Fonseca Figueiredo e Souza, nascido em Evora a 3 de Dezembro de 1690. Foi graduado Mestre em Artes pelas Universidades de Evora e de Coimbra. Foi para Roma em 1712 e ali tomou o habito de Franciscano no convento de *Ara Cœli* a 8 de Dezembro de 1712. (Veja-se *Bibliotheca Lusitana*, por Diogo Barbosa Machado — Tomo II.)

A *Bibliotheca Aracelitana Eborense* composta de 19.906 volumes está incorporada, tendo o Governo Portuguez, em 1880, renunciado os seus direitos a ella, á *Biblioteca nazionale centrale Vittorio Emanuelo* — em Roma.

(Veja-se *Statistica delle Biblioteche*, vol. II — Roma. 1894, pag. 137 e 140.)

Camillo Castello Branco (no seu livro *Cavar em ruinas*, 2.ª edição, pag. 105) falla do franciscano Fr. José Maria da Fonseca, do convento de *Ara Cœli*.

de livros (*), as seguintes salas em communicação com ella: *Sala Rivara* (Joaquim Heliodoro da Cunha Rivara) e *sala Filippe Simões* (Augusto Filippe Simões), nomes de dois prestantes bibliothecarios e eruditos escriptores, e, alem d'ella a *sala nova*, assim denominada por ter sido a ultima construida (embora já precise reparações importantes).

Como edificio, a Bibliotheca cousa alguma offerece de notavel, porem como casa de estudo é notabilissima.

No numero dos livros já catalogados se acham 43:724 volumes e 2871 manuscriptos, estando ainda por catalogar 6:276 volumes, e havendo codices que conteem centenas de manuscriptos diversos.

Tem alem disso: 10 atlas de geographia, e 516 mappas avulsos; 314 estampas; 346 composições musicaes; 516 retratos; 5166 moedas (portuguezas, romanas e extrangeiras); 28 sellos pendentes; 17 veronicas e 10 cunhos de moedas portuguezas.

Na VIII secção dos livros impressos — *Paleotypos, reservados* — contam-se 362 volumes de incunabulos; 407 volumes reservados; 50 volumes da collecção Elzevir; 7 volumes da collecção Bodoni e 77 volumes da collecção Camoneana.

Na X secção — Manuscriptos — encontram-se 13 volumes illuminados e 2858 volumes de codices.

Os manuscriptos tem catalogos impressos, confeccionados por Rivara e por Telles de Mattos.

Ha na Bibliotheca livros impressos na cidade de Evora, desde 1521 até hoje. Existe uma relação circumstanciada da Imprensa em Evora sob o titulo — Quadro da Imprensa em Evora para commemorar a visita a esta cidade de Suas Magestades e Altezas

(*) N'um dos topos d'esta sala está o retrato do Arcebispo Cenaculo, reprodusido pelo pintor portuguez Isaias Newton. No topo opposto, sobre a entrada da sala ou gabinete Rivara, está um quadro, copia de outro por Trivisani, feito pela princeza Maria Benedicta, tia de El-Rei D. João VI e fundadora do hospital de Runa, aonde se encontram alguns quadros d'esta princesa.

em maio de 1889, composto por D. Bruno da Silva e editado por Joaquim José Baptista. Evora. (D. Bruno da Silva é pseudonymo de A. F. Barata.)

A Bibliotheca possue exemplares das obras de Aranda (seculo XVI):

Tratado de canto llano.

Tratado de canto mensurable.

Ambos impressos em Lisboa por Germão Galhardo: o primeiro em 26 de Setembro de 1533, o segundo a 4 de setembro de 1535, ambos dedicados ao Cardeal D. Affonso, filho d'El-Rei D. Manuel.

Possue egualmente — a Arte de Cantochão por Afonso Perea Bernal, publicada em 1597 nos prelos de Antonio Barreira, em Coimbra.

Tem tambem um exemplar da Arte de Musica de João Martinez, impressa (ao que parece) pela primeira vez em Sevilha, em 1530, por João Cromberger.

Longe e muito longe iria se pretendesse descrever ou mesmo enumerar as preciosidades guardadas nas salas da Bibliotheca, por isso limitar-me-hei a indicar summariamente as principaes d'ellas (*):

Na sala geral estão estantes com livros e mesas para os leitores.

Na sala Rivara estão os livros e manuscriptos que pertenceram ao Conselheiro Joaquim H. da Cunha Rivara, e em estantes distinctas differentes livros.

Na sala nova, estão estantes com livros, a maior parte d'elles modernos.

Na sala Filippe Simões, estão em estantes: manuscriptos, codices e illuminuras. Em vitrines se acham moedas, objectos prehistoricos e differentes curiosidades dignas de attenção. N'uma das vitrines se admi-

(*) Sobre este assumpto veja-se (na mesma Bibliotheca): Os *Estudos Eborenses* por Gabriel Pereira (os fasciculos *Evora Romana*, *Bellas Artes* (pag. 10 e 11), *Exposição da Arte Ornamental* (pag. 8 a 12, pag. 18 a 27 e pag. 34 e 35) — *Introducção á Archeologia prehistorica da peninsula Iberica* pelo Dr. Augusto Filippe Simões (pag. 120 a 126). — *Catacumbas* por Antonio Francisco Barata (pagina 38).

ra um bello trypitico de Limoges. Ao longo das paredes se acham dispostos quadros de grande merecimento: Um quadro de pintura em madeira representando o menino entre os doutores; quadros de Pedro Alexandrino, de Josepha d'Obidos, de Morgado de Setubal (*). N'esta sala se encontra uma interessante collecção de desenhos de Vieira Lusitano. No mesmo local se admira um quadro de azulejo, que figurou na Exposição retrospectiva da Arte ornamental em Lisboa, procedente do extincto convento de S. Bento. Igualmente se admira o mais bello e bem conservado pendão da Inquisição que se conhece no Paiz.

Na sala Cenaculo estão estantes com livros e é aonde trabalha o Conservador da Bibliotheca, logar que é hoje exercido pelo Dr. Queiroz Velloso, distincto professor e erudito escriptor.

Na sala—Botelho de Lima—encontram-se alem de livros, uma interessante collecção de azulejos saidos de differentes edificios da cidade ou do concelho; diversos mosaicos romanos; cippos; inscripções lapidares; um cofre de ferro que pertenceu á Inquisição de Evora e que é um bello trabalho de serralheria; umas campas de schisto da epocha romana; varias inscripções que existiam na parede dos antigos paços do concelho, a que se refere Hubner, demonstrando a falsidade d'ellas; uma linda porta de Carvalho com guarnecimento de chapa de ferro, que pertenceu ao Celleiro dos Arcebispos, e da qual, Casa Nova deu um desenho na *Arte Portugueza*, 1895, Anno I; uma janella geminada que pertenceu á parte do extincto convento de S. Francisco de Evora, denominada o quarto da Rainha; dois arcos da arcada do claustro do convento de S. Francisco de Evora. (**)

(*) Como auxiliar para o exame dos quadros recommendamos a leitura da obra do conde de Raczinski, *Les Arts en Portugal*, 2 vol.

(**) Na segunda casa da Sala Botelho de Lima (do lado da rua) nota-se uma porta ogival encimada por um escudo das armas portuguezas (anteriormente a D. João II), e com escadaria de cantaria, era

PALACIO CADAVAL
E IGREJA DOS LOYOS

Proximo da Bibliotheca e ainda como ella na cerca velha ou aro romano, ergue-se, com vulto magestoso mas severo, o palacio acastellado, flanqueado de duas altas torres coroadas de ameias, chamado vulgarmente *Palacio das cinco quinas*, porque a elevadissima torre norte é de secção pentagonal. (*) Este palacio pertence á Ex.ma Casa Cadaval. O primeiro Duque do Cadaval D. Nuno Alvares Pereira de Mello, 4.º marquez de Ferreira, 5.º Conde de Tentugal, nasceu em Evora a 4 de novembro de 1638.

N'este admiravel edificio tem a notar-se elegantes janellas mouriscas que dão para o pateo interior; na torre quadrangular, no pavimento mais alto, duas singulares janellas geminadas, as molduras de pedra d'Arrabida, com lavores não vulgares, os columnellos e capiteis de marmore, sendo estes de mimoso e caprichoso trabalho arabe.

Uma das torres d'este palacio servio de carcere ao 3.º Duque de Bragança, preso por El-Rei D. João II no paço real (a S. Francisco) e degolado na praça maior da cidade (hoje denominada de Geraldo) em publico cadafalso no dia 20 de junho de 1483 (**)

---

esta a porta principal dos antigos Paços do Concelho, que foram n'este logar antes da sua mudança para a praça principal, hoje chamada praça de Geraldo.

(*) Um outro exemplar de castello pentagonal existe na villa de Sabugal, que se suppõe do seculo XII. A respeito d'este castello ha a seguinte quadra :

«Castello de cinco quinas
«Não o ha em Portugal,
«Senão ao cimo do Côa
«Na villa de Sabugal.

Veja-se *Engenheria e Architectura* (revista semanal illustrada) — 4.º anno (1894) — n.º 23.

(**) Veja-se *Chronica de D. João II* por Garcia de Resende ou a por Ruy de Pina.

Contiguo ao palacio e dependencia d'elle está a antiga casa dos Conegos Seculares de S. Eloy ou dos Loyos, que occupa grande parte do recinto do velho Castello da cidade, destruido em 1384, que, por Alvará passado em Santarem, em 30 de abril de 1443, fez El-Rei D. Affonso V mercê d'elle a Martim Affonso de Mello, fidalgo da sua casa.

D. Rodrigo de Mello, 1.º conde de Olivença, poz a primeira pedra do mosteiro em 6 de maio de 1485 e D. Alvaro de Bragança, genro do conde concorreu para a fundação. Concluiu-se em 1491 e celebrou-se ali a primeira missa na noute do Natal d'esse anno.

Quiz o fundador que se desse á Igreja a invocação de S. João Evangelista.

A' direita do portal da entrada, sobre uma pequena columna e sob docel de notavel lavor está uma lapide com inscripção commemorativa da fundação (*).

O portico é elegante, dos ultimos tempos do estylo gothico, as molduras ogivaes em planos successivos assentando em columnas; os fustes d'estas são de marmore branco, tudo o mais é de granito.

Entrando, está á direita a capella da Sr.ª do Rosario: no pavimento estão duas campas, formadas de chapas de bronze de relevo baixo, nitido de minuciosa execução.

Estas campas são de arte flamenga. (**)

(*) Esta inscripção vem transcripta na *Evora Gloriosa*, pag. 88; nos *Estudos Eborenses* (fasciculo *Loyos* e pag. 4) por Gabriel Pereira; nos *Monumentos de Portugal* por Vilhena Barbosa, pagina 321.

(**) Existem specimens d'estas campas, egualmente, na capella de ferro da Igreja de Sancta Maria de Leça do Bailio, nas cercanias do Porto. (Souza Viterbo — *Artes e Artistas em Portugal* — pag. 48, nota; *Monumentos de Portugal* por Vilhena Barbosa, pag. 311; *O Archeologo Portuguez*, vol. II, n.os 6 e 7).

As inscripções d'estas duas campas veem transcriptas no fasciculo *Loyos* (pag. 6 e 7) dos *Estudos Eborenses* de Gabriel Pereira. No catalogo da Sala Adolfo A. Doria do Museo Archeologico da Ca-

No interior da Igreja existem differentes campas com letreiros preciosos para o estudioso.

Na capella, á esquerda do cruseiro estão dois tumulos em ediculos, de grande importancia artistica.

As paredes do templo estão revestidas de azulejos elegantemente desenhados; n'um quadro da parede esquerda vê-se a assignatura e a data — *Antonius ab ol.v.i fecit 1711.*—Estes azulejos representam a vida de S. Lourenço Justiniano, bispo de Veneza, conego da Congregação de S. Jorge em A.ga, da qual procedeu a dos Conegos seculares de S. João Evangelista.

É digno de attenção o entalhado antigo da capella-mór, assim como o trabalho da tribuna, em communicação com o palacio.

Na quadra proxima, que é do estylo gothico, está um elegantissimo portico geminado, lindo exemplar da alliança dos estylos gothico e arabe: é a entrada da antiga sala capitular e refeitorio. N'este portal vê-se um escudo circular com singular relevo, que dizem representar a fortaleza d'Arzilla e alludir á tomada da notavel praça africana. Na casa que precede o refeitorio a abobada é com laçaria de granito, mostrando nos florões os escudos d'armas do Conde d'Olivença (Mellos) e do Duque de Cadaval (Portugal) começado a usar por D. Alvaro, genro do conde. (*)

---

mara Municipal de Beja, lê-se na *Nota C* (pag. 41) que «Em uma das capellas da igreja matriz de Beringel estão sepultados Ruy de Souza e sua mulher, D. Branca de Vilhena». Estes nomes são os mesmos que os das campas de bronze dos Loyos. Serão estas campas cenotaphios?

(*) No frontão da Igreja e na bandeira da portaria do mosteiro se vê uma aguia em relevo, como allusão a S. João Evangelista que era cognominado Aguia de Pathmos, em virtude da Apocalyse que elle escreveu quando esteve desterrado na ilha de Pathmos, uma das Sporades, pertencente á Grecia.

PALACIO DA INQUISIÇÃO EM EVORA

A Inquisição em Portugal foi creada pela bulla de 17 de Desembro de 1531, no reinado d'El-Rei D. João III, publicada em 22 de outubro de 1536 e extincta no anno de 1820, tendo sido primeiro inquisidor geral D. Diogo da Silva, frade menor da provincia da Piedade (*) e bispo de Ceuta, que nomeado arcebispo de Braga, foi substituido pelo Cardeal Infante D. Henrique.

Houve em Portugal seis tribunaes da inquisição, sendo um d'elles em Evora, comprehendendo o Alemtejo e Algarve.

O palacio da inquisição em Evora fica situado a par do Templo romano e é hoje propriedade particular. Apenas conserva do primitivo a antiga sala dos julgamentos com o seu tecto de carvalho, onde se ostenta o brasão da Inquisição (uma cruz tendo n'um lado uma oliveira e no outro um punhal), e os carceres, que servem de palheiros, celleiros e arrecadações da propriedade.

Do palacio da inquisição de Evora ha planta n'um livro existente na Torre do Tombo, publicado em 1636, com o titulo de *Livro das plantas dos palacios da Inquisição* por Matheus do Couto, Architecto das Inquisições d'este Reino. (**)

O pendão da Inquisição de Evora, existe actualmente, n'um armario envidraçado, na Bibliotheca de Evora, sala Augusto Filippe Simões, assim como ali estão os paramentos com que se adornava o altar da Capellinha do *Senhor Jesus dos Queimados*, em dia de *auto de fé*.

(*) A primeira e principal casa da Provincia da Piedade era junto da pequena ermida da Piedade, contigua a Villa Viçosa.

(**) Veja-se *Matheus do Couto*, no *Diccionario historico e documental dos Architectos, engenheiros e constructores portuguezes ou a serviço de Portugal* por Souza Viterbo, 1.º vol., 1899.

Tambem ali existe uma capa d'asperge, que servira nos autos.

O pendão é de damasco encarnado, e tem em cada um dos lados um medalhão bordado a ouro. N'um d'esses medalhões estão as armas do Sancto officio, no outro está a imagem de S. Pedro d'Arbués (que foi assassinado, sendo Inquisidor).

Ainda existe na igreja do extincto collegio dos jesuitas de Evora, a imagem do *Senhor Jesus dos Queimados*, atraz referida.

Os autos de fé faziam-se a principio na praça grande de Evora (hoje praça de Geraldo) e ao depois passaram a ser feitos no Rocio de S. Braz, isto é, extramuros da Cidade

Visitando El-Rei Filippe II a cidade, assistio, no dia 19 de março de 1619, que era domingo do Espirito Santo, da varanda (hoje demolida) da Camara a um auto de fé que teve logar na praça. (*)

O numero dos condemnados pelo Tribunal da Inquisição de Evora foi de 22:000 pessoas!...

PALACIO DOS CONDES DE BASTO
E
ERMIDA DE S. MIGUEL

A ordem de cavallaria, conhecida pelo nome de — Cavallaria de Evora — foi fundada n'esta cidade por El-Rei D. Affonso Henriques, dando-lhe como regra a de S. Bento, confórme aos estatutos e reforma de Cistér; e para habitação e primeiro e principal convento da ordem as casas do Castello, que ao depois formaram o palacio dos Condes de Basto, que

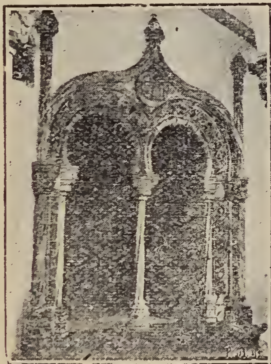
(*) Veja-se — *Archivo Eborense* — publicação semanal feita em Evora (pag. 42), 1893.

ainda hoje existe, porem, arruinado e na posse de um particular, que o adquirio por compra.

Junto d'elle está uma ermida, hoje profanada e arruinada, sob a invocação de S. Miguel, em que os cavalleiros faziam os officios divinos, do qual foi gram mestre D. Gonçalo Viegas, filho do grande Egas Moniz.

Este convento foi mudado, no reinado de D. Sancho I, para Aviz, tomando a Ordem então o nome de — Ordem d'Aviz —.

Ao velho palacio dos Condes de Basto ligam-se recordações historicas de muita veneração: ali, em 1637, teve logar o interessante episodio, referido por Gabriel Pereira (*), do velho D. Diogo de Castro (**), ex-governador do Reino, applacar pela sua serenidade, indifferença pela morte e respeitabilidade dos muitos annos, a sanha popular; em 1643 ali se reuniram conselhos de Estado, e se resolveram os meios de garantir por uma vez a independencia nacional.



Portico da sala capitular e do refeitorio no claustro dos Loyos

....

N'este palacio, tambem conhecido pelo nome de — palacio do pateo de S. Miguel — estive-

(*) No fasciculo *As vesperas da Restauração* (paginas 21 e seguintes) dos seus *Estudos Eborenses*.

(**) Na capella-mór do Mosteiro antigo de Nossa Senhora do Espinheiro, situado a 4 kilometros da cidade, está a sepultura de D. Diogo de Castro, fallecido em 19 de maio de 1638, e estão as sepulturas de outras pessoas da mesma Casa — Tumulos de marmore bran-

ram por vezes os nossos Monarchas (***). El-Rei D. Sebastião n'elle habitou, embora tivesse palacio real, parte do tempo que viveu em Evora (5 annos) por ser visinho do Collegio dos Jesuitas e poder com mais facilidade frequental-o.

O abandono em que esteve por muitos annos o palacio, e as transformações por que passou, depois de ter deixado de ser habitado pelos seus donos, fazem com que as lindas janellas do estylo-mourisco-manuelinho estejam escondidas em grosseiras alvenarias...

No palacio só ha, ainda dignos de exame — uns *frescos* — notaveis, nas salas do pavimento terreo, aonde esteve uma sociedade recreativa denominada — Sociedade Recreativa e Dramatica Mendes Leal —.

CASA DE GARCIA DE RESENDE

Na rua de S. Manços viveu Garcia de Resende, que foi moço da escrevaninha de El-Rei D. João II, officio de particular estimação e conta, em cujo serviço por modo se houve, que foi recebido em privança intima, que durou sempre.

Foi secretario da embaixada, que, no tempo de

---

co e cinzento, elegantes, ainda que de singelo desenho.— As inscripções se acham transcriptas no fasciculo — *O mosteiro de Nossa Senhora do Espinheiro* — dos *Estudos Eborenses* por Gabriel Pereira. Sobre o mesmo Mosteiro se pode ler *Breve noticia historica do mosteiro de Nossa Senhora do Espinheiro, extramuros de Evora,* por A. F. Barata. 1900.

O brasão dos Condes de Basto é o dos Castros com trese arruellas.

(*) N'este palacio esteve El-Rei D. Filippe II em 1619. A Duquesa de Mantua esteve em Dezembro de 1634. D. Catharina, Rainha da Grã Bretanha esteve em maio de 1699. (No *Archivo Eborense,* publicação semanal feita em Evora, em 1893, encontra-se o descripção dos festejos que então se fizeram).

El-Rei D. Manuel, a Roma levou com magnifica pompa á Santidade de Leão X, no anno de 1514, Tristão da Cunha, as primicias do Oriente. (*)

Nasceu na cidade de Evora. Foram seus Paes Francisco de Resende, cavalleiro no tempo de D. Affonso V, e D. Brites Boto.

Foi o instituidor do morgado da Anta (1536).

Está sepultado n'uma pequena e linda capella construida, segundo risco d'elle, no anno de 1520, no canto norte da pequena tapada do antigo mosteiro de Nossa Senhora do Espinheiro, extra-muros da cidade (**). Suppõe-se, com algum fundamento, ter elle fallecido na idade de 80 annos.



Janella da casa onde viveu Garcia de Rezende

Elle foi o auctor do risco da Torre de S. Vicente de Belem, mandado fazer por El-Rei D. João II e mandado executar por El-Rei D. Manoel, «*sem ser*, «como o convento seu visinho, especial commemoração dos descobrimentos effectuados no Oriente.» (***)

(*) Veja-se *Noticia da vida e obras de Garcia de Resende* — na Livraria classica — volume Garcia de Resende, por Antonio Feliciano de Castilho. Rio de Janeiro. 1865.

(**) Veja-se *Breve noticia historica do Mosteiro de Nossa Senhora do Espinheiro*, por A. F. B. Evora. 1900.

O Occidente, vol. 17, pag. 264 (Illustr. publ. em Lisboa), e o vol. 16 pag. 240) traz noticia e desenho.

(***) Vejam-se *Monumentos nacionaes* por J. da S. Mendes Leal — Lisboa. 1868. O Boletim da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes. Tomo VII n.º 1, pag. 9.

É elle auctor de uma chronica de D. João II, da qual se conservam dois exemplares: um na Torre do Tombo; outro na Bibliotheca publica Eborense.

D'elle ha tambem um *cancioneiro*, que é o seu verdadeiro titulo de gloria, compilação de canções do seu tempo ou das eras anteriores, rico manancial de informações sobre os costumes e vida intima d'essa epocha.

Da casa aonde viveu Garcia de Resende ainda se vê hoje uma janella manoelina (*) a mais linda e rica de lavores e feitios de quantas d'aquelle genero restam na cidade.

Da mesma epocha, talvez, em todo o caso do mesmo estylo, veem-se janellas, em differentes pontos da cidade, em predios de nenhuma importancia hoje ou actualmente em ruinas.

Na parte do antigo palacio da Inquisição, a que n'outro logar nos referimos, habitada actualmente pelos seus proprietarios, existe uma janella geminada com seus arcos de tijolo recortado, apoiados em esbeltos columnellos de marmore branco.

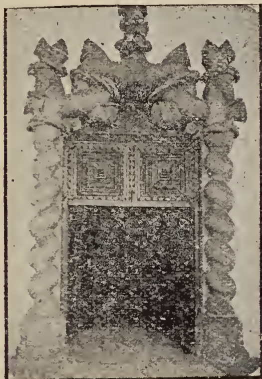
Na rua da moeda (antiga rua do Tinhoso, que fazia antigamente parte da judiaria) vê-se no predio n.º 33 (pertencente a D. Leopoldina da Conceição Gomes) uma linda janella de molduras de granito com columnellos de marmore branco.

As janellas das ruinas (intencionaes ou imprevidentes) dos antigos Paços da Camara, mandados fazer por João Mendes Cicioso, á sua custa, são geminadas e de particular elegancia (*).

(*) Segundo dizer de J. de Vilhena Barbosa: «...aquelle estylo «esbelto e brincado que serviu de ponto de transição da architectura «gothica para a do renascimento, e que nós, os portugueses, denomi«namos estylo manuelinho por começar e acabar em Portugal no rei«nado de D. Manoel.»

(**) No livro o *Culto da Arte em Portugal*, de Ramalho Ortigão,

No antigo palacio do Morgado Pegas, situado na rua do Paço e hoje propriedade da familia Salles Lobo, existe na fachada que dá para o quintal uma linda janella manuelina, semelhante ás janellas que existiam no antigo palacio de D. Manuel, á direita da entrada, no Passeio publico, e que ainda hoje existem porem alteradas nos seus arcos, n'uma das transformações porque passou o edificio.



Portado do convento do Carmo

Na rua dos Infantes, em frente da Egreja de S. Vicente, ha duas janellas geminadas, dignas d'attenção, apesar da simplicidade dos seus lavores: ellas devem pertencer aos seculos XIII e XIV. (*)

Nas paredes exteriores do antigo — Recolhimento das donzellas —, na rua da Alagoa, defronte do convento do Calvario, fundado por D. Theotonio de Bragança, véem-se, embebidos nas alvenarias, restos de lindas janellas Manuelinas e d'outras no gosto do portado do antigo convento do Carmo, que é digno de ver-se e que só tem semelhante no Palacio Du-

---

se leem, nas pag. 78 e 79, palavras vehementes de censura a estas ruinas, que são uma das muitas provas do dizer de Camões:

«Porque quem não sabe a arte não a estima.»

Lusiadas, c. v, e. 97.

(*) As janellas geminadas são peculiares dos seculos XI e XII; as janellas geminadas com os *mainéis (meneaux)* substituidos por columnellos *(colonettes)* são pertencentes aos seculos XIII e XIV.

cal em Villa Viçosa, a que dão o nome de porta do nó (*)

Além d'estas janellas são dignas d'attenção as janellas d'angulo de dois predios: um existente na rua de S. Manços e outro na rua dos Infantes, esquina da travessa da Caraça. Estas janellas são rectangulares, com guarnição de granito, sendo o seu vão dividido por uma columna de marmore branco, assente na direcção da prumada da aresta do cunhal, cortado para a abertura do vão.

Na rua do Raymundo, proximo da entrada da mesma denominação, existe uma torre quadrada, que se suppõe ter pertencido ao palacio de um fidalgo por nome Raymondo, que deu o nome á rua, e n'ella veem-se em faces duas janellas de figura rectangular com verga e peitoril de granito, com um columnello de marmore branco, ao meio do vão, como a sustentar a verga. (*)

É digno do notar-se o uso de *rotulas* de tijolo nas janellas de sacada, em vez das grades, que actualmente se emprega. Uma casa antiga, existente no sitio da cidade denominado — a porta nova — apresenta ainda hoje um bello exemplar d'este genero de construcção, que era muito usado nos mirantes dos conventos de freiras, como ainda se vê no mirante do extincto convento do Salvador, na praça de Sertorio, e em outros que o neo-vandalismo da civilisação ainda não demoliu.

(*) Sobre as *Portas dos nós* veja-se *Compendio de Noticias de Villa Viçosa* pelo P.^e Joaquim José da Rocha Espanca. 1892. Redondo (Pag. 38 e seguintes).

(*) As janellas d'este typo são consideradas do seculo XI. O emprego da verga *(linteau)* era usado na idade media apesar do uso das arcadas.

CAPELLA DE S. MANÇOS

Nas proximidades da casa que foi de Garcia de Resende, na rua de S. Manços, está a capella d'esta invocação, aberta no massiço de uma torre dos muros romanos, que guarnecia a porta antiga da cidade. chamada de Moura, pela industriosa piedade de Balthazar Vieira, a quem por isso chamaram o *Racha torres;* fica junto do local onde diz-se que esteve o carcere, em que, imperando Domiciano, esteve prezo o Santo Apostolo, e do poço que, segundo a lenda, ajudou a fazer, quando o condemnaram a trabalhar nas obras publicas e que por isso lhe chamam o poço de S. Manços. Esta capella tem 5,m50 de comprimento e 5,m28 de largura. N'ella se venera a columna, em que o santo foi açoutado, que para ali foi trasladada do carcere em que estava.

S. Manços, era natural de Roma, passado a Jerusalem foi, depois da morte de Christo, baptisado e ordenado Sacerdote e Bispo, por S. Pedro. Vindo á Lusitania, aportou em Ossonoba (*), e veio a Evora a pregar a lei evangelica: morreu em 21 de maio; seu corpo está no Real Mosteyro de Sahagum (Hespanha) d'onde, em 1592, ás instancias do Arcebispo D. Theotonio de Bragança, foi trazido para a Sé de Evora um braço do Santo. É considerado o 1.º bispo de Evora.

(*) Ossonoba era no Algarve, a uma legoa de Faro; suppõe-se ter sido aonde hoje é a villa de Estoy, onde se veem ainda os restos de umas thermas Romanas, no sitio denominado *Milreu.*

No concelho de Evora, a tres leguas da cidade, está uma aldeia denominada de S. Manços, com Igreja parochial da sua invocação.

No caminho velho de Evora para S. Manços encontra-se um nicho denominado *O Milagre de S. Manços,* ao qual anda ligada uma piedosa lenda.

Sobre a cidade de Ossonoba ser em Estoy e sobre Milreu vejam-se *Memorias Ecclesiasticas do Reino do Algarve,* por Fr. Vicente Salgado Lisbonense. Tomo 1.º — Lisboa. 1786. Cap. VII. Sobre a vinda de S. Manços veja-se o Cap. IV, pag. 58 das mesmas memorias.

MISERICORDIA DE EVORA

Conta mais de 400 annos de existencia a Santa Casa da Misericordia de Evora, pois teve começo em 1499. Os primeiros irmãos inscriptos foram: El-Rei D. Manuel; a Rainha D. Maria; a Rainha D. Leonor (viuva d'El-Rei D. João II e irmã de D. Manuel, fundadora da confraria); o Mestre de S. Thiago; o Conde de Tentugal; o Bispo de Evora, D. Affonso; D. Fernando de Castro (conde de Basto) e sua mulher; a condessa de Farão; etc.

Foi installada a confraria, com grande solemnidade, na capella de S. Joaninho ou S. Joãosinho, situada junto ao convento de S. Francisco, lado norte, com entrada independente e ao mesmo tempo com communicação interior com a Egreja do convento.

Mais tarde passou para a Egreja actual, construida no local do convento das Maltezas, que se haviam mudado para a villa de Estremoz. A Egreja é de uma só nave, com tres altares no fundo e um outro latteral. Cousa alguma tem mais de notavel alem dos azulejos que revestem as paredes, e que representam scenas de historia sagrada. A porta da egreja é bonita e é de vinhatico. Tem collegiada.

Annexa á Egreja, no lado norte, está a Secretaría da Sancta Casa e uma Pharmacia, que tem por fim especial o aviamento do receituario para o seu hospital e pobres da cidade; vendendo porém, ao publico tudo quanto este exija.

É importantissimo o seu archivo, onde existem documentos que ascendem ao seculo XIV. (*)

Annexo á Sancta Casa da Misericordia d'Evora ha um hospital denominado — Hospital do Espirito Sancto — o qual está situado na parte oriental da ci-

---

(*) Vejam-se *Estudos Eborenses.* Fasciculo — *O Archivo da Sancta Casa da Misericordia*—por Gabriel Pereira, onde se encontra noticia de tudo quanto elle contem digno de menção.

dade, junto ás muralhas da *cerca nova*. A sua origem foi a seguinte (*) : «Houve em tempos antigos na ci-«dade de Evora, diversos hospitaes de pouca impor-«tancia, denominados *Albergarias*, que prestavam au-«xilio e pousada aos peregrinos e romeiros n'esses «seculos de ardente fé catholica. Memorias antigas «de eruditos, fazem ascender a 12 o numero d'esses «*hospitaes* ou *albergarias* das quaes seria o primeiro ou «o mais antigo o de *S. João de Jerusalem*, situado na «rua do Senhor da Pobreza (hoje da Mesquita); o do «*Corpo de Deus da Sé*, na Freiria de Baixo; o de *Santo* «*Antão*, no sitio onde depois se edificou o convento «de S. Catharina de Sena; o de *S. Bartholomeu*, junto «da porta d'Aviz; o de *S. Gião*, (hoje S. Julião), cujo «local se ignora; o de *S. João*, á porta de Moura; o «do *Salvador*, no largo do Collegio, que depois foi «aproveitado pelos Jesuitas que n'esse largo funda-«ram sua egreja e collegio, mais tarde Universidade; «o do *Espirito Sancto*, onde está hoje o Hospital d'es-«se nome; o de *S. Bento*, junto ao convento d'aquel-«la designação, a pouca distancia da cidade, conven-«to já em nossos dias extincto; o de *S. Francisco*, jun-«to ao convento, cujas ruinas foram vendidas; o da «*S. S. Trindade*, de que não ha vestigios, e o de *S.* «*Braz*, junto á ermida, no rocio, a qual ainda existe. «O hospital ou albergaria d'este nome foi somente «para acudir aos atacados da peste, em 1479. Era de «madeira e foi desmanchado tempos depois de des-«apparecer a epidemia.»

«El-Rei D. João II, o Principe Perfeito, que muito «habitou em Evora, reuniu em um só todos estes es-«tabelecimentos de caridade, que possuiam alguns «rendimentos uns sufficientes, outros diminutos para

(*) Para conhecimento dos recursos e administração da Sancta Casa da Misericordia de Evora, veja-se a brochura—*Sancta Casa da Misericordia de Evora — Exposição dos Actos da Gerencia — Desde 27 de março de 1890 até 1895*, pelo Provedor Alexandre J. Freire de Faria e Silva. Bacharel formado em Theologia e Thesoureiro-mór da Sé de Evora. Coimbra. Typographia auxiliar d'escriptorio. 1896.

«sua sustentação. O do Espirito Sancto, foi onde to-«dos os outros se incorporaram. E El-Rei D. Manuel, «venturoso successor de D. João II, protegeu e do-«tou, largamente, esse hospital, que se tornou mais «importante ainda.

«De todos esses bens e da administração do Hos-«pital, foram encarregados os conegos regrantes de «S. João Evangelista (vulgo Loyos), e mais tarde, por «determinação do Cardeal Rei e alvará de 10 de mar-«ço de 1567, passou á Mesa administrativa da Sancta «Casa da Misericordia.

«Houve em Evora, nos seculos passados, um hos-«pital de *S. Lazaro*, conhecido por *Gafaria de S La-«zaro*, destinado aos leprosos que, segundo a tradi-«ção, estava localisado na aldeia dos Fusos, ao bura-«co do Raymundo.

«Pela epocha em que as outras albergarias foram «annexadas ao hospital do Espirito Santo foi a de *S* «*Lazaro* (1577) tambem n'elle incorporada e mais «tarde extincta. D'esta instituição e dos verdadeiros «*lazaros* que recolheram ao Hospital, adveio a ori-«gem do nome generalisado a todos os pobres que «ou habitam no hospital ou vivem fóra e recebem «um pequeno subsidio da Santa Casa e que são de-«nominados *lazaros externos* ou *de fóra*, como antiga-«mente se denominavam os doentes que, padecen-«do molestias contagiosas, eram soccorridos em es-«pecial pela Sancta Casa.

«Á porta do *Santo Hospital* como a população an-«tiga o denominava, juntam-se depois do jantar, in-numeras pessoas, creanças principalmente, que dos «restos levam ainda as suas tigelinhas cheias.

«De dia ou de noute, a qualquer hora que se ba-«ta á porta do Hospital, é o doente admittido.

«Não é ainda de fóra de porta que ao pobre se «pedem esclarecimentos; pelo contrario deixa-se en-«trar apenas bate, recebe-se carinhosamente, e de-

«pois e só depois, é que se lhe pergunta o indispen-
«savel para preencher o registo do Hospital.

«Annexo ao Hospital ha uma sumptuosa capella, «onde os *lazaros* e os doentes, em estado de pode- «rem assistir, ouvem missa. A Egreja do Hospital é «para todos os effeitos considerada como Egreja da «Misericordia.»

EGREJA DE S. VICENTE

No principio da rua dos Infantes e encostada á muralha romana está a Egreja ou Ermida de S. Vicente e das suas irmãs Sabina e Christeta, naturaes de Evora e mortos em Hespanha por professarem a doutrina de Christo. No local da ermida era a casa aonde nasceram. Esta ermida foi mandada construir (1467) por Luiz Loy, criado do Infante D. Henrique e porteiro do Cabido da Sé, o qual deu o padroado ao Senado, que só se tornou difinitivo em 1559, em virtude de contestação por parte do Prior da Freguezia de S. Pedro, em cuja area ella se acha.

Depois da victoria do Salado foi erecta n'esta ermida a Confraria de Nossa Senhora da Victoria, com seu altar.

Alem do exposto, esta ermida não tem cousa alguma de notavel senão a sua falta de conservação, e d'aceio, excepto no dia da festa annual que n'ella se costuma fazer. (*)

MUROS DA CERCA NOVA

Sobre as portas principaes da cidade havia ermidas com diversas invocações. Algumas d'essas er-

(*) Sobre esta *Ermida* veja-se *Evora Gloriosa*, pagina 203 e 223.

midas foram demolidas, para o alargamento das respectivas portas. As ermidas eram em numero de quatro :

A da Senhora da Natividade, que ainda existe sobre a antiga porta de Machede, que está soterrada e era defronte do edificio denominado cadeia dos estudantes, construido pelo cardeal D. Henrique, e que hoje serve de presidio militar e de cadeia civil.

A cadeia dos estudantes era annexa á Universidade de Evora: servia de prisão aos estudantes e n'ella havia, no pavimento alto, enfermarias para o tratamento dos estudantes pobres. Sobre a sua entrada principal está o brazão do Cardeal.

Esta porta era chamada de Machede por estar voltada para S. Miguel de Machede. A palavra Machede vem da palavra arabe — *Mchdas* — que se interpreta — Terra ou logar santo —. (*)

Sobre a porta da Mesquita, estava a de Nossa Senhora do Amparo. A rua da Mesquita (teve tambem o nome do Senhor da Pobreza em virtude da Egreja d'esta invocação que n'ella existe) é assim chamada por ter havido n'ella, mesmo no tempo da denominação christã, uma Mesquita de mouros. (**)

A de Nossa Senhora da Ajuda sobre a porta de Alconchel.

Esta porta era assim chamada por ter havido na rua proxima uma torre com *capelo, cupula* ou *curucheu*, que em arabe é *alcouce*.

A de Nossa Senhora do Ó ou da Expectação (que ainda existe) sobre a porta d'Aviz, assim chamada por estar voltada para o lado da villa d'Aviz. N'esta ermida ha annualmente festa e arraial muito concorridos.

Proximo da porta d'Alconchel está o extincto convento de Carmelitas, sob a invocação de Nossa Senhora dos Remedios, em cuja cerca é o cemiterio.

(*) Veja-se *O Archeologo Portuguez*, vol. V, n.º 5 e pag. 159.
(**) Veja-se *Evora Gloriosa*, pg. 44.

Na fachada do Templo se vê o brasão do Arcebispo D. José de Mello, padroeiro do convento.

Na entrada do cemiterio se nota um lindo portado de marmore branco do *estylo renascença*, que veio do demolido convento de S. Domingos, que estava onde hoje é a praça denominada de D. Pedro.

Proximo da porta d'Aviz, á direita d'ella, está o antigo forte de S. Bartholomeu, construido antes de 1553 em volta da Egreja d'esta invocação, (hoje demolida) construida nos primeiros annos do seculo XVII, por Laureano Martins, Quartanario da Sé. Debaixo do altar-mór d'esta Egreja havia uma nascente, cujas aguas dizem ser boas para o curativo de molestias de pelle e que ainda hoje correm n'um pequeno chafariz junto á estrada proxima.

PALACIOS DE EVORA

Com exclusão dos Palacios Archiepiscopal, dos Duques de Cadaval e dos Condes de Basto, já mencionados n'outra parte, tem Evora os seguintes palacios:

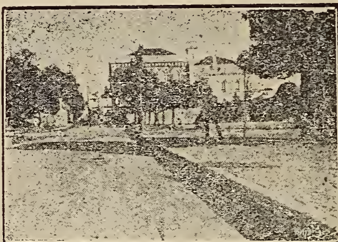
Palacio Barahona, á entrada da cidade e construido pelo abastado proprietario e illustrado lavrador José Maria Ramalho Diniz Perdigão (fallecido) onde se hospedou El-Rei D. Luiz e a Familia Real, e aonde, por vezes, se tem hospedado Suas Magestades El-Rei D. Carlos I e a Rainha D. Amelia. (*)

O palacio Barahona e as suas dependencias são limitadas pelas ruas do Paço, rua de Eborim, de Cicioso e da Rampa, e pelas muralhas da cidade. É ao

(*) Na ultima visita (7 de maio de 1899) de Sua Magestade El-Rei D. Carlos a Evora, foi offerecido a El-Rei e posto á venda pela *Minerva Commercial*, um lindo quadro contendo os nomes dos monarchas que, desde o começo da monarchia, tem visitado Evora, as datas das visitas e onde se hospedaram.

mesmo tempo palacio e habitação de grande lavrador.

São dignos de attenção n'elle, pela sua belleza e riqueza: o salão de baile com seus bellos estuques e pinturas; seu lustre monstro e seus grandes candelabros de cobre dourado; o salão de recepção com seus candelabros de Sèvres, e uma grande bacia do Japão; salão das Bellas-Artes, com quadros, desenhos e esculpturas de auctores nacionaes, notandose: aguarella de Sua Magestade a Rainha D. Amelia; desenho da Ex.ma Sr.a D. Ignacia Angelica Fernandes Ramalho de Barahona; aguarellas de Casanova; quadros de Bordallo; de Ramalho; etc.; estatuas, em marmore branco, do Pudor; da Juventude (Daphne e Chloé) (*); de Bernardim Ribeiro; todas de inexcedivel execução; bustos, em marmore branco, de Anthero do



Avenida e palacio Barahona

Quental; Teixeira d'Aragão; Oliveira Martins; e de Manuel Bento de Sousa; busto em bronze de Rodrigo da Fonseca Magalhães, etc.

(*) Francisco Gerard, pintor nascido em Roma em 1770, morto em 1836, deixou um quadro muito estimado de Daphne e Chlóe.

Existe na Bibliotheca de Evora um poema em grego, e traducção latina, com bellas gravuras, tendo o titulo — *Les amours pastorales de Daphnis et Chloé.* Paris, 1754.

Na fachada do lado do jardim se nota um lindo portado de marmore branco que pertenceu á portaria do convento do Espinheiro.

Palacio dos Condes de Murça, na rua d'Alconchel (actualmente rua Serpa Pinto), que pertence ao abastado proprietario José Rosado de Carvalho.

Palacio dos Mesquitas, na praça de D. Pedro e proximidades do theatro, onde está installado o Quartel General da 4.ª Divisão Militar, e que é propriedade da Fazenda. Mesquitas eram familias de antiga linhagem.

Palacio dos Condes de Soure, na rua Occidental de Diana, propriedade de D. Joanna Potes do Amaral. Sao notaveis os seus dois portões de cantaria de granito, encimados por frontões do mesmo material, tendo nos tympanos escudos de marmore branco e ornatos da mesma qualidade.

Palacio dos Condes de Vimioso, proximo da Cathedral, que é hoje propriedade do abastado proprietario e um dos primeiros lavradores do districto José Antonio d'Oliveira Soares. Tem um lindo portado de marmore branco na entrada principal do palacio. Foi construido pelo Bispo D. Affonso, 3.º do nome, que foi pae do 1.º conde de Vimioso e que era filho dos Marquezes de Valença.

Palacio dos Morgados Cordovis, na rua da Mesquita, é habitação do ultimo morgado. Na dependencia d'este palacio (no largo da porta de Moura) ha um lindo torreão ameado, com arcadas de marmore branco, do estylo Manuelino, que mereceu a attenção de Kaupt (*) na sua visita a Evora.

Alem d'estes palacios houveram outros que foram transformados ou existem em ruinas, que pertenceram á primeira nobresa do Reino, como é natural, tendo habitado alguns dos nossos Monarchas em

(*) Veja-se o vol. 15.º (pag. 48) do *Occidente*; — e — Albrecht Kaupt — *Die Baukunst den Renaissance in Portugal* — 2 vol. Frankfurt, 1890-1895.

Evora; reunindo-se côrtes n'esta cidade e tendo Evora assento em côrtes. (*)

PASSEIO PUBLICO
E
THEATRO GARCIA DE REZENDE

O Passeio Publico

Á entrada da cidade, do lado do Rocio, está o passeio publico, feito em 1863, quando o opulento lavrador José Maria Ramalho Diniz Perdigão construia o seu palacio.

Este passeio assenta em parte sobre as muralhas da cidade e em parte em terreno que era pertença da cerca do antigo convento de S. Francisco, cuja Egreja está proxima.

O seu traçado foi do pintor-architecto Giuseppe Cinati, que deu os planos e dirigiu a construcção do Palacio Ramalho. O seu busto de bronse, assente em pedestal de pedra lioz, está na rua central, proximo da muralha occidental.

O passeio compõe-se de duas partes: um parque com lagos e uma mata.

Nota-se no passeio uma construcção com torreão lateral, que diz-se ter feito parte dos paços reaes (**) N'esta construcção só se recommenda á attenção do archeologo: as tres janellas do estylo da renascença, que se vê no torreão da entrada; bem como, as janellas geminadas de granito, de typo arabe, e columnellos de marmore branco, que se acham do lado esquerdo do torreão. Igualmente é digno de admira-

(*) Os palacios dos Condes de Soure e Vimioso estão no recinto do aro romano.

(**) Veja-se o vol. 20.º do *Occidente* (pag. 97.)

ção os arcos de tijolo, do typo arabe, assentes sobre consolas ou misulas de granito, da arcada do lado sul do edificio. O resto é moderno e foi mandado fazer pela Junta Geral do districto, quando pretendeu fazer um museu de productos naturaes e industriaes do districto, o que não conseguiu estabelecer. No pavimento terreo está provisoriamente estabelecido — o Museu Cenaculo — annexo da Bibliotheca e de que já se fez menção n'outro logar.

Não muito distante, do lado occidental, estão umas ruinas denominadas — *As ruinas fingidas* — que foram architectadas por Giuseppe Cinati e levadas a effeito com materiaes do antigo Palacio do Bispo D. Affonso, filho primogenito do Marquez de Valença, que era filho mais velho do Duque de Bragança, cujo Palacio, junto da Cathedral, é hoje propriedade do abastado lavrador José Antonio de Oliveira Soares e foi transformado por um seu parente, de quem lhe proveio por herança de seus Paes. (*)

O passeio tem tres entradas: uma do lado da rua do Paço, outra do lado da Egreja de S. Francisco e outra do lado da porta do Raymundo.

Theatro Garcia de Resende

No lado occidental da Praça de D. Pedro, onde existiu o Convento de S. Domingos, foi construido, segundo os planos do Engenheiro Adriano Augusto da Silva Monteiro, natural de Evora, um theatro, a que deram o nome de —*Theatro Garcia de Resende*—em memoria d'este outro filho da mesma cidade.

Este theatro foi começado por uma sociedade composta dos habitantes da cidade. Era primeiro ac-

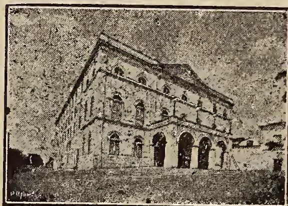
(*) Veja-se — Culto da Arte em Portugal de Ramalho Ortigão — pag. 79 e 80.

cionista o abastado e prestigioso lavrador José Maria Ramalho Diniz Perdigão, natural de Evora.

Postos em execução os planos do Engenheiro Monteiro, e estando adiantada a construcção, falleceu José Maria Ramalho, dando logar este acontecimento á suspensão das obras.

Casando-se o Dr. Francisco Eduardo de Barahona Fragozo, da antiga casa dos Barahonas da Cuba e dos Fragozos das Alcaçovas, com a Ex.ma Snr.a D. Ignacia Angelica Fernandes Ramalho, tomou espontaneamente o encargo de concluir o Theatro, cedendo-lhe os accionistas todos os seus direitos e acções, obrigando-se a offerecel-o, depois de construido, ao Municipio.

Dr. Francisco de Barahona desempenhou-se com a maior hombridade, gentileza e desinteresse do encargo que voluntariamente sobre si tomára.



Theatro Garcia de Resende

Assim, a existencia do theatro, hoje propriedade municipal, é devida á generosidade do Dr. Francisco Eduardo de Barahona Fragozo.

O theatro está construido com luxo e pode-se considerar como um dos primeiros do paiz. Os materiaes empregados foram da melhor qualidade e os artistas decoradores forão dos primeiros, dos mais conhecidos. Assim: o tecto da sala foi pintado pelo pintor Ramalho; o tecto do vestibulo foi obra do pin-

tor Vaz: são um encanto e d'uma belleza de acabamento os estuques dos salões (*foyers*) da 1.ª ordem, assim como os estuques do *foyer* do Camarote Barahona, obra de estucadores de Fife.

Na distribuicão do edificio foi, com felicidade, attendida a facilidade das saidas, tornando-as independentes para cada ordem de camarotes e frisas, assim como a disposição dos camarins, e das arrecadações. (*)

É digno de ser visitado.

Infelizmente, raras vezes ha espectaculos e, quando os ha, são, com pequenas excépções, sempre pouco frequentados.

PAÇOS DO CONCELHO

Os paços do concelho construidos á custa de João Mendes Cicioso (no reinado de D. Affonso V) eram na praça grande, hoje denominada praça de Geraldo. Este edificio, a que se ligam recordações historicas, está em ruinas. (**)

Tinha, do lado da praça, uma linda varanda com columnas de marmore branco (ordem jonica), tapada superiormente. Tinha sido mandada fazer pelo principe D. João, em 1481, anno em que foi tambem acclamado Rei, segundo do nome, e mais tarde embelezada por Felippe I. N'esta varanda foi feita a acclamação de João IV.

Nestas ruinas ainda se notão lindas janellas geminadas do estylo chamado — Manoelinho —.

Os paços do Concelho são hoje na praça denominada de Sertorio, n'um edificio que foi antigamente palacio dos marquezes d'Abrantes. Nelle está in-

---

(*) No—*Occidente*—vol. 15. pag. 204 e 205, vem uma noticia, acompanhada do alçado d'este theatro.

(**) Veja-se o vol. 18.º (pag. 28 e 100) do Occidente.

stallada a Camara e o Tribunal judicial da Comarca, no pavimento alto; as officinas de aferição de pesos e medidas, a secção de obras publicas municipaes e a corporação dos bombeiros voluntarios e o seu material occupam o pavimento terreo.

Sobre a porta da entrada principal está o brasão da cidade, segundo Vilhena Barbosa, e lateralmente duas inscripções lapidares commemorativas dos serviços prestados pelo Arcebispo Fr. Manuel do Cenaculo Villas Boas por occasião da invasão franceza. Devem-se ao vereador de então, A. F. Barata. (*)

O Archivo da Camara é importantissimo como se poderá ver nos Estudos Eborenses de Gabriel Pereira — fasciculo — *Archivo Municipal.* —

O pendão da Camara é vermelho, tendo d'um lado as armas do Municipio e do outro as armas reaes, o que teve por fim, em tempo de D. João II ou de D. Manoel, evitar que o pendão real precedesse o da Camara ou vice-versa, quando a Camara acompanhasse a Magestade.

Na Camara existe uma planta da cidade levantada a olho e a passo pelo capitão de caçadores Manuel Joaquim de Mattos, hoje general, por curiosidade, quando esteve n'esta cidade em serviço. E' mui curiosa e de grande auxilio para aquelle que quizer conhecer as denominações e situações das ruas e a dos monumentos.

(*) Veja-se o folheto—Memoria Descriptiva do Assalto, entrada e saque da cidade de Evora pelos francezes, em 1808.—(Manuscripto existente na Bibliotheca publica de Evora.)

Esta memoria foi publicada a expensas da Camara de Evora e distribuida em 30 de julho de 1887, pelo povo na inauguração das inscripções lapidares existentes á entrada dos novos Paços do Concelho.

AQUEDUCTO E CHAFARIZES

A cidade é abastecida de agua por um aqueducto de 19 kilometros d'extensão, contados dos mananciaes da aldêa da Graça do Divor até ás muralhas da cidade. Elle foi construido no tempo de D. João III e sob a direcção do frade dominicano André de Resende, conhecido pelo nome de Mestre André de Resende (*).



AQUEDUCTO

O Aqueducto foi construido sobre os alicerces do que abastecia a cidade no tempo da dominação romana, pelo que o denominam — *Aqueducto Sertoriano* —. A parte monumental d'elle, que é em arcada, é a comprehendida entre o antigo mosteiro de S. Bento de Castris, hoje extincto, e a cidade.

(*) André de Resende foi mestre dos filhos de D. João III; os infantes D. Affonso, D. Duarte e D. Henrique.

Nasceu na rua da Oliveira e morou, depois de secularisado, na rua de Mestre Resende, assim chamada hoje, em Evora.

Foi sepultado na egreja do convento de S. Domingos e d'ali trasladado para a cathedral, onde está proximo da saida para a porta do sol. Escreveu sobre antiguidades de Evora e da Lusitania.

Veja-se — *Bibliotheca Lusitana* — no logar respectivo a Resende.

O nosso immortal Camões refere-se a elle no seu incomparavel poema — *Lusiadas* — dizendo :

«Onde ora as aguas nitidas de argento
«Vem sustentar de longe a terra e a gente
«Pelos arcos reaes, que cento e cento,
«Nos ares se alevantám nobre ..ente;

C. III, E. 63.

Elle tem tambem a designação de *Aqueducto d'agua da prata* porque recebe agua das nascentes situadas na — herdade da agua da prata — (freguezia de N. Senhora da Graça do Divor, concelho de Evora).

No trajecto dos seus mananciaes da Graça (herdade da Figueira) recebe differentes nascentes.

A parte comprehendida entre o monte da herdade de Metrogos e a quinta do Meirinho (proximidades de S. Bento) foi reconstruida segundo um novo typo, sob os planos e instrucções da Direcção das obras publicas de Evora; a parte restante precisa do mesmo trabalho para garantir efficazmente o abastecimento da cidade.

O Aqueducto continúa na cidade, alternadamente — parte soterrado e parte fóra da terra — aonde abastece differentes chafarizes e directamente differentes estabelecimentos publicos e a alguns particulares.

Os principaes chafarizes que abastece são :

Chafariz da praça D. Pedro, para ali mudado da Porta Nova; fabrica de D. João III.

Chafariz da Praça de Geraldo.

Chafariz do largo da Porta de Moura.

Chafariz do Rocio de S. Braz.

O chafariz ou fonte da praça (hoje denominada de Geraldo) foi mandada construir pelo Cardeal D. Henrique, em 1570, com licença d'El-Rei D. Sebastião. Tem oito carrancas de bronze dourado, correspondentes ás oito ruas que desembocam na mesma praça, por onde corre a agua, que cae n'um tanque circular, que como ella é de marmore branco e de

bonito desenho; está coroada com uma grande corôa imperial de bronze dourado. Conta a lenda que vindo El-Rei D. Felippe II á cidade e passando pela praça parára diante da fonte e exclamára: *Bien merece ser coronada.*

O chafariz ou fonte da porta de Moura é tambem antiga e elegante: tem tanque de agua para cavalgaduras. É fabrica de D. João III.

O chafariz ou fonte do rocio foi, em 1592, mandada fazer por El-Rei D. Felippe II e o tanque por El-Rei D. Felippe III, (1605).

Antes da implantação do regimen constitucional, estava a conservação do Aqueducto, a fiscalisação das concessões d'agua, etc., a cargo d'uma administração especial, e havia um Regimento onde se achavam estatuidas as suas obrigações, bem como as dos proprietarios marginaes. (*) Este Regimento caiu em desuso e está no Archivo da Camara, conjunctamente com uma placa de cobre, onde se acham abertos orificios circulares, respectivos ás medidas das concessões d'aguas, na mesma indicadas, feitas aos conventos, mosteiros e a outros estabelecimentos.

As porções d'aguas cedidas são em *manilhas, anneis e pennas,* que eram as medidas usadas para aguas (**).

Em frente da egreja de S. Francisco havia, ainda em 1870, uma linda torre, com caixa ou reservatorio, construida em tempo de D. João III, que servia para a distribuição d'agua para os conventos de S. Francisco, das Mercês e para o Paço real, etc. J. Cavanah Murphy, no seu livro — *Travé's in Portugal through the province of Entre Douro e Minho, Beira, Ex-*

(*) Vem d'elle noticia nos *Estudos Eborenses*, fasciculo — *Archivo Municipal* — pag. 14.

(**) Sobre estas medidas pode-se ver o livro antigo — *Advertencias aos modernos que aprendem o officio de carpinteiro e de pedreiro* — por Mestre Valerio Martins de Oliveira. (1757) — Pag. 216.

O Guia do Operario, por Julio Guerra — 2.ª ediçao — pag. 152.

tremadura and Alemtejo in the years 1789 and 1790 — a considera erradamente como romana. (*)

Foi esta torre mandada derrubar pela Camara Municipal de Evora!!

Ha fóra da cidade, junto á estrada de Evora para Reguengos, um chafariz com duas bicas e tanque, guarnecido de ameias e com as armas reaes, que foi mandado construir por El-Rei D. Manuel, quando residiu em Evora, em virtude da bondade das aguas da nascente, que o alimenta. Tem uma inscripção que o affirma. Dizem que estas aguas teem propriedades medicinaes.

CELLEIRO COMMUM

Na rua do Paço e proximidades da egreja de S. Francisco, está o edificio do — Celleiro Commum de Evora — aonde hoje funccionam duas escolas municipaes.

A sua historia é resumidamente a seguinte:

No anno de 1573, por El-Rei D. Sebastião e a instancias de seu tio o Cardeal, que lhe succedeu no throno, foi creado na cidade de Evora um Monte de Piedade, a que depois se chamou Real Deposito, e finalmente — *Celleiro Commum* —; pelo mesmo rei lhe foi dado o Regimento porque se governou até 1852, com as alterações, porem, que se lhe tem feito, segundo as leis e ordens promulgadas a respeito d'estes Estabelecimentos. (**)

Não é possivel na confusão que se encontra na

(*) Veja-se o *Archivo Pittoresco*, 1867, n.º 10, pag. 33, um artigo do Dr. Augusto Felippe Simões, sobre esta torre.

(**) Veja-se *Boletim do Ministerio das Obras Publicas*, n.º 4, abril, 1855. Pag. 149 a 199. — Celleiros Communs.

Port. 13 outubro 1853; Regulamento dos Celleiros, idem, n.º 7, Julho 1854; n.º 8, Agosto, 1854. Sobre o mesmo assumpto. — Decreto de 14 outubro 1852. Carta de Lei 7 julho de 1898.

contabilidade antiga d'este estabelecimento, em epochas tão remotas, conhecer com certeza qual o fundo com que se estabeleceu; parece, porem, ser o seu valor o de 2:000$000 réis.

Cada uma das herdades do termo d'esta cidade foi collectada em trinta alqueires (435 litros) de trigo, pagos, metade pelo senhorio da herdade, e metade pelo lavrador, e applicados para fundo do Celleiro. — Assim o manda o Regimento e accrescenta, que para maior fundo se comprasse trigo, quanto bastasse, para prefazer a quantia de dois mil crusados, que o Rei mandou emprestar do cofre dos Orphãos da cidade, constando depois que este emprestimo se elevou a quatro mil crusados do dito cofre: juntando a isto todo o trigo que o Cardeal, Cabido e Clerezia da cidade désse de esmola; nao se sabe, porém, nem se pode conhecer qual fosse esta quantia. — O Rei tambem concorreu com a esmola de quinhentos crusados tirados das condemnações da alçada, com que nas comarcas do Alemtejo andava o Doutor Pedro Coelho, e estes foram applicados para se fundar o Celleiro nos altos da abobada do Castello novo da Cidade, que para esse fim deu emquanto o edificio não fosse necessario para outro objecto do serviço.

O estabelecimento ficou sendo como agrario e tambem para acudir ao povo, como se lê no Regimento, que prohibe ao Poder Real servir-se d'aquelles fundos, por isso que o Estabelecimento foi feito com pão de lavradores e particulares, para beneficio commum e engrandecimento da agricultura, cabendo-lhe bem o epitheto de Monte da Piedade, que depois lhe foi trocado por outros mais pomposos, ou mais conformes com as indoles dos Governos que se foram seguindo ao da sua creaçao.

Estes fundos foram sempre emprestados aos lavradores com o juro de 5 por cento. Nos annos abundantes, e quando nao havia quem os pedisse com

este agio, para o trigo se não perder, era distribuido aos lavradores gratuitamente, que o deviam beneficiar e entregar depois.

Por muitos annos esteve o Estabelecimento no local, onde atraz se disse, mas foi preciso remover-se d'ali, por determinar o rei edificar o aquartelamento, denominado dos Castellos: então, com dinheiro do celleiro se comprou o edificio, onde hoje está o Estabelecimento, e se fizeram as obras necessarias para edificar o magnifico celleiro, que hoje existe, sala para sessões, sala vaga, casa para cartorio e uma morada de casas, contigua, para habitação do Thesoureiro.

Foi concluida a obra em 1775.

A administração d'este estabelecimento era conforme com a sua creação; porque se compunha de uma Junta composta de tres individuos, que eram um Ecclesiastico (quasi sempre um conego) que presidia, e parece representar o Clero; o Corregedor da Camara, que parece ser o Delegado do Rei e o Presidente da Camara, isto é, o vereador mais velho, que acabava n'aquelle triennio as suas funcções de Camarista, e parece representar o Povo.

Eram estes os Administradores, e o Corregedor accumulava as funcções de Juiz Executor, pois por elle corriam todas as execuções contra os devedores.

Esta Junta deixou de funccionar depois da Restauraçao (1835), e passou esta administração para a Camara Municipal, conservando-se, porem, o mesmo Thesoureiro e Escrivao. Os Deputados, que assim se chamavam os membros da Junta, venciam oito moios de trigo de ordenado annual, quatro o Corregedor, e dois cada um dos outros Deputados. A Camara administrava gratuitamente.

EGREJA DA GRAÇA (*)

(EM RUINAS)

O Convento e a Egreja de Nossa Senhora da Graça eram da ordem de Santo Agostinho.

Fallando d'essa Egreja e do Convento, de que era parte integrante, diz Gabriel Pereira, erudito e prestimoso filho da cidade de Evora:



Porta do Coro da Sé

Havia um mosteiro acanhado e humilde que D. João III tomou sob a sua protecção; augmentou-o muito e tanto que hoje nada se conhece da primeira edificação; a transformação foi completa. Por isto, com verdade se lê na frente da egreja — *Conditum sub imperio Divi Joannis tertii Patris Patriae* —.

Mas D. João III quiz depois que o primeiro Conde de Vimioso, D. Francisco de Portugal, fosse o padroeiro do convento.

A obra começou em 1524 e acabou em 1529.

O frontespicio da Igreja da Graça com as suas columnas, tropheus, escudos e estatuas decorativas é exemplar da renascença

(*) Veja-se — *Evora Gloriosa* — pag. 344 e o vol. 13.º do — *Occidente* — pag. 169, aonde vem um desenho da fachada da Egreja com uma noticia.

italiana, miguelangelesca, unico no paiz e raro em toda a parte.

Dos muitos exemplares do renascimento, que ha em Evora, quasi todos se podem facil e directamente filiar em Raphael ou nos mestres francezes. Por fortuna, muitos de taes trabalhos são datados: e por isto sabemos que a capella do Esporão, na Sé, é de 1529; que os ediculos dos Loyos são de 1535 e 36; que o côro da Sé é de 1562. Note-se, a capella do Esporão é de 1529; pois não tem que ver com a Graça: é outra renascença. Parece que o miguelangelesco não agradou, e assim ficou este sendo exemplar unico.

Mesmo na Graça, na capella-mór, internamente, nos tumulos dos Vimiosos (*) nas janellas, ha finas cercaduras, diliciosos medalhões, datados de 1537; havendo aqui apenas de commum com a decoração da frontaria os singulares nichos obliquos, que em nenhuma outra parte apparecem.

É em Veneza que se encontram dois edificios, que naturalmente se agrupam a este da Graça, pelo seu estylo e elementos decorativos; são os chamados *Procuratie nuove*, e a Bibliotheca de S. Marcos (*Gailhabaud, Monumens anciens et modernes, 1.re série*).

As estatuas decorativas, permaneceram como elementos decorativos geraes, mas sem aquelle aspecto fero, aquellas salientissimas musculaturas que o artista empregou nas estatuas da Graça, de tão feia catadura que até o povo lhes perdeu o respeito e lhes chama *os meninos da Graça,* dando-lhes nomes folgazões.

O emprego das grandes urnas na linha superior do edificio é proprio tambem d'este estylo.

A egreja do convento da Graça está hoje em ruina enorme. As finas esculturas da capella-mór e o

(*) As campas dos condes do Vimioso estão recolhidas no *Museu Cenaculo,* dependencia da Bibliotheca Publica de Evora.

soberbo tumulo do Bispo D. Affonso de Portugal (*) qualquer dia estarão desfeitos sob algum trecho da abobada.

O convento está aproveitado em quartel de infanteria. O claustro ainda conserva todo o seu cunho primitivo.

A EGREJA DE SANTO ANTÃO (**)

A cidade está hoje dividida em 4 freguezias: Sé, Santo Antão, S. Pedro e S. Mamede. O serviço da Sé é desempenhado pelos seus Beneficiados e s'exerce tambem extramuros da cidade até a distancia de 5 kilometros; o da freguezia de Santo Antão, é feito por um Reytor, e os das outras duas freguezias por Priores, todas tres somente *intra muros.*

No sitio d'esta egreja parochial estava primitivamente uma pequena ermida da invocação de Santo Antoninho, com portal voltado a poente, tendo annexa uma albergaria denominada do Corpo de Deus.

Para o lado da praça e em frente do portal tinha seu adro, certamente muito mais espaçoso que o actual, porque, como se vê de um documento interessantissimo para a historia eborense (***), ahi esteve D. Diniz, com a sua côrte, ajustando certa convenção com o Concelho, alcaide, juizes, homens bons, vassallos e representantes dos arrabaldes da cidade: documento que nos prova que já no seculo XIII era a praça considerada sitio principal da cidade, embo-

---

(*) Veja-se — *Evora Gloriosa* — pag. 293 e parag. 520. *O Archeologo Portuguez*, vol. I, n.º 10, pag. 286 e 287.

(**) Veja-se *Estudos Eborenses* de Gabriel Pereira — fasciculo — *A Egreja de Santo Antão* — Evora. 1887.

Evora Gloriosa, pag. 217 e parag. 389.

(***) Veja-se fasciculo II dos *Documentos historicos da cidade de Evora no seculo XIII* por Gabriel Pereira — Evora. 1885 — pag. 32 e seguintes.

ra estivesse fóra da cerca velha. Para o lado do norte, deitava a albergaria para a rua dos Gayos, que hoje não existe e que, como a rua do Imaginario' devia ir da rua Ancha (hoje rua João de Deus) á rua dos Caldeireiros

Na edade media os contractos, para maior solemnidade, celebravam-se nos adros das Egrejas, nas crastas, ou mesmo nos baptisterios. Certa escriptura da hospital de Jerusalem, em 1382, fez-se no adro de *Santantoninho*.

A albergaría do Corpo de Deus tinha confraria com seus alcaides, mordomos, escrivão e bastantes confrades.

A egreja de Santo Antoninho, o primitivo Santo Antão, tinha um cura para administrar os Sacramentos, ficando os Arcebispos comendo os fructos e dizimos dos freguezes d'esta Egreja com o titulo de Abbades, que depois mudaram em Priores. Em 1380 o Bispo D. Martinho IV fundou n'ella um vigario com seis beneficiados, e perseverou esta vigararia até aos 28 de abril de 1565, em que o Arcebispo D. João de Mello, abolindo a dignidade de Vigario, instituiu da sua renda um Reytor, e tres cúras Beneficiados para melhor serviço da Parochia.

Este Arcebispo, D. João de Mello, foi o primeiro prelado eborense que se chamou prior de Santo Antão; o segundo foi o Cardeal-rei, quando pela segunda vez tomou posse do Arcebispado em 22 de janeiro de 1575, fallecido já D. João de Mello, a muitas instancias do Cabido.

Quando o Cardeal-infante teve a mitra eborense, pela primeira vez, ordenou a reconstrucção da Egreja; dirigiu os trabalhos o mestre Manuel Pires; a obra começou em 1557 e ficou o templo consagrado em 1563.

O edificio é vasto, de pesada architectura e sem elegancia alguma. O corpo da egreja tem 33^{m} de comprimento por 17^{m} de largura; columnas muito

singelas e bastante pesadas de granito, inteiramente rebocadas, sustentam as abobadas das suas tres naves.

A abobada caiu com o terramoto de 17 de abril de 1568, e a mandou reconstruir o Cardeal-infante por conta da pensão, que tinha reservado na Mitra de Evora, quando em 1564 passou a Lisboa, onde a menoridade de El-Rei D. Sebastião o chamára para o Governo do Reino. (*)

É notavel a escultura do altar-mór, que é em marmore representando o apostolado: está completa, perfeitamente conservada. Os apostolos estão assentados, discutindo ou conversando; as posições ingenuas, as dobras das roupagens, o estylo e a maneira do trabalho fazem marcar a esta notavel escultura data mui remota; o seculo XIII, talvez.

É um marmore de 2,^{m}02 por 0,^{m}50. Moldura tosca, singela, rudimentar, cérca a escultura.

É digno de exame o frontal rico do altar-mór e a capa do Santo, que são bordados a ouro sobre forte linhagem; rostos, mãos e pés das figuras são a seda pintada.

A obra de talha é do seculo XVII.

É digna d'attenção a capella do Rosario, que tem muito trabalho em marmores; veio do extincto (e ha muito demolido) convento de S. Domingos. Merecem reparo as grades de ferro d esta capella e da do Santissimo.

O quadro da capella das almas é uma pintura em

(*) Segundo differentes documentos—carta do Cardeal Infante á Camara de Evora datada de 21 de agosto de 1570 que se encontra no livro —*Les Arts en Portugal, par le Comte A. Raczynski*—pag. 362 e seguintes, com uma noticia do conselheiro Rivára, e nos *Estudos Eborenses* de Gabriel Pereira — *A Igreja de Santo Antão* — pag. 7. Foi lançado por terra um arco ou portico romano, que existia no local da fonte actual, afim de desafrontar o templo. Este portico tinha D. João III convertido, transformado em fonte, e a elle dirigido o curso da sua agua da prata, que começou a correr n'ella em 1535 (veja-se *Evora Gloriosa*, pag 107), por quatro bicas de marmore representando leões, dos quaes um está recolhido na Bibliotheca publica.

madeira de grandes dimensões. Este quadro é, segundo affirma Barbosa Machado na Bibliotheca Lusitana, de Jeronymo Corte Real. (*)

O admiravel quadro de Santo Agostinho parece ser de Francisco Vieira de Mattos, conhecido pelo Vieira Lusitano.

O quadro — *A Ceia* — que está no altar-mór é, assim como a talha do mesmo altar, de 1697, e foi pintado por Bento Coelho da Silveira, que falleceu em 1708. (**)

Por occasião das alterações de Evora em 1637 e 1638, foi n'esta Egreja que se reuniram as principaes pessoas da cidade: o arcebispo D. João Coutinho, o conde de Basto, o marquez de Ferreira, o conde de Vimioso, D. Francisco de Lencastre, Jorge de Mello e outros e nella deliberaram acerca do modo mais prudente de socegar tão perigosa agitação.

Em vista da resposta recebida do povo, foi ainda n'esta egreja que se recolheu a nobreza intimidada. (***)

MOSTEIRO DE SANTA CLARA (****)

Este mosteiro, da ordem Franciscana, é o unico existente, com clausura, na cidade de Evora. Está situado a meio da rua d'Alconxel (chrismada actual-

---

(*) Veja-se a brochura — *Subsidios para a Biographia do poeta Jeronymo Corte-Real* por A. F. Barata. Evora. 1899.

(**) Veja-se no — *Dictionnaire Historico-Artistique du Portugal* par le Comte A. Raczynski — *Coelho da Silveira* (Bento) —.

(***) Sobre estas *alterações* lea-se o fasciculo — *As vesperas da Restauração* — que faz parte dos *Estudos Eborenses* de Gabriel Pereira — (pag. 12 e seguintes).

(****) Veja-se *Estudos Eborenses* de Gabriel Pereira, fasciculo — *Conventos de freyras* — 1.ª parte — pag. 8 e seguintes. *Evora Gloriosa*, pag. 388.

mente em rua de Serpa Pinto), aonde fôra o paço dos Falcões.

Foi começado em 1452 pelo Bispo D. Vasco Perdigão, que foi egualmente o fundador do convento do Espinheiro (a tres kilometros da cidade), aonde está sepultado. Em 1459 entraram algumas religiosas. Tendo o Bispo fundador, transferido os seus cuidados e attenções para a construcção do Mosteiro do Espinheiro (da ordem de S. Jeronymo), foi o mosteiro concluido pelo Bispo D. Jorge da Costa, nomeado Arcebispo de Lisboa, em 1464, por D. Affonso V e fallecido cardeal, em Roma, em 1508, na idade de 102 annos. (*)

É um edificio vastissimo; a quadra é ampla; tem quintaes, varandas, e bonita cerca. O dormitorio é uma casa enorme. O côro de cima é um excellente salão, cercado de bom cadeirado. O côro parece ter sido restaurado e augmentado, em 1744.

A capella da Senhora da Assumpção na claustra é esplendida.

Em todas as capellas da claustra, do pavimento superior, ha trabalhos de talha de merecimento; n'uma ha uma arvore de Jessé, cuja ramaria se alastra pelo tecto, de excellente gosto e trabalho. N'outra d'essas capellas ha azulejos com alguns ornatos dourados. A casa capitular parece uma egreja, tem muitas imagens e quadros, alguns relicarios interessantes.

Era na casa do capitulo que se enterravam as abbadessas.

A egreja exteriormente não tem cousa de notavel, senão uma serie de botareus de granito, terminados superiormente por urnas ou vasos do mesmo material; tem duas entradas, situadas no mesmo lado dos botareus e entre elles.

(*) Conhecido pelo titulo de Cardeal de Alpedrinha (terra da sua naturalidade). Veja-se: Fonseca, *Evora Gloriosa*, pag. 288 e *Les Arts en Portugal par le Comte A. Raczynski* — pag. 252.

A egreja é de uma só nave, com o altar-mór n'um dos topos, fronteiro ao côro, com dous altares lateraes. Nos altares nota-se boa talha. As paredes são azulejadas até determinada distancia do nascimento da abobada do tecto, sendo a parte não azulejada tapada com grandes quadros, pintados em tela, com scenas relativas a Santa Clara. No tecto vêem-se restos de frescos de boa execução, desenho opulento, e de fino colorido (*)

Na capella-mór estão os tumulos de D. Garcia de Castro, que foi do conselho d'El-Rei D. Sebastião e governador de Mazagão; fallecido em 1568 e de sua mulher D. Izabel de Menezes, fallecida em 1580. As monjas chamaram a D. Garcia de Castro padroeiro por lhes ter augmentado a egreja e construido a capella-mór por devoção, a meio do seculo XVI.

Na exposição de arte ornamental hespanhola e portugueza no *museu Kensington de Londres*, em 1881, figuraram os seguintes objectos pertencentes a este mosteiro:

1 — *Porta-coeli* de prata, do sacrario da capella-mór. Folha de prata em relevos fortes, e alguns abertos deixando ver um forro de velludo carmezim, $0,^{m}63 \times 0,^{m}38$. Folhas, flôres, espigas e cachos, volutas.

2 — Resplandor de prata esmaltado e com pedras, do Salvador do mundo (capella da quadra). Esmaltes em azul e verde.

3 — Terrina de faiança, redonda. Tem as letras D. V. R. $0,^{m}31$ de diametro. Antiga louça portugueza imitando India.

4 — Perfumador de faiança verde; antiga ceramica portugueza.

5 — Veu de hombros, tecido em seda, ramagens a branco sobre fundo encarnado.

6 — Manto de seda lavrado a côres (capella do Sal-

(*) Veja-se *Estudos Eborenses*, por Gabriel Pereira, fasciculo — *Bellas Artes* — pag. 23 — Frescos.

vador do mundo), ornamentação de folhagens, insectos e aves.

No altar-mór vê-se, sob outros frontaes, um frontal de damasco branco bordado a ouro. Semelhantes ha para os outros altares e revestimento para o pulpito.

Esteve n'este mosteiro alguns mezes a princesa D. Joanna, filha de Henrique IV de Castella, conhecida na historia portugueza pela ***Excellente Senhora*** e na hespanhola por ***la Beltraneja.*** (*)

MOSTEIRO DE SANCTA HELENA DO MONTE CALVARIO (**)

No fim da rua da Lagoa, proximo da antiga porta da Cidade está o Convento da ordem Franciscana, denominado vulgarmente Convento do Calvario, e ha muito extincto, tendo sido a ultima monja D. Maria José, natural de Cabeção, fallecida em 7 de Setembro de 1889 com 66 annos de viver ascetico e 83 de vida.

Com o consentimento do Governo, vivem n'elle onze ou doze senhoras, que ao tempo do fallecimento da ultima monja ali existiam ou entraram depois,

---

(*) Veja-se *Estudos Eborenses*, por Gabriel Pereira, fasciculo — *Conventos de freiras* — 1.ª parte, pag. 11 e seguintes.

Evora Gloriosa, pag. 89 e seguintes.

A Batalha de Toro por Antonio Francisco Barata. 1896.

(**) Veja-se — Breve noticia historica d'este mosteiro por A. F. Barata. Evora 1899.

Estudos Eborenses. por Gabriel Pereira, fasciculo — *O Archivo da Santa Casa da Misericordia de Evora* — 3.ª parte, pag. 8 e seguintes.

Evora Gloriosa, pag. 394.

sem votos, dadas ao culto divino e ao ensino de meninas da visinhança.

De esmolas vivem como d'antes e da protecção da Ex.ma Sr.a D. Ignacia Angelica Ramalho de Barahona, benemerita filha d'esta cidade.

Este mosteiro foi fundado pela Infanta D. Maria, filha d'El-Rei D. Manoel e da sua terceira mulher D. Leonor, filha de D. Felipe I de Castella. Falleceu esta Infanta em 1578 e foi sepultada no convento da Luz, que fundára em Lisboa.

Em 23 de outubro de 1574, entraram as primeiras habitadoras. Vieram algumas do convento d'Assumpção de Lagos, e outras do Mosteiro de Jesus de Setubal, da regra de Santa Clara, de capuchas de S. Francisco, da Provincia do Algarve.

Asperrimo o viver d'estas mulheres, que não excediam ao numero de vinte e quatro.

Pobrissimas só viviam de esmolas.

Andavam descalças estas pobres mulheres, e nos ultimos tempos tinham uma especie de sandalias de madeira, vestiam camisas de estamenha sobre as carnes, dormiam n'uma cortiça, encostavam a cabeça a um travesseiro de palha e jejuavam sempre. Assim era que, em tanto desconforto, assistiam religiosamente ás rezas da ordem, inclusivé ás matinas da meia noute. (*)

A Egreja é pobre, entretanto tem as suas paredes azulejadas. No pavimento do transeptum jaz o Arcebispo de Evora, de caridosa memoria, D. Joaquim

(*) O Sr. Gabriel Pereira na sua brochura — *O lindo sitio de Carnide* — 1898 — diz (pag. 6 e 7), fallando do Convento de Sancta Thereza: «...onde tantas vezes chegou a pobreza, a ponto de ás «vezes não terem de comer. Mas as freiras tinham grande repugnan«cia em pedir; esperavam até á ultima; nada havendo, nem a espe«rança, tocavam uma sineta, a sineta da fome, pedindo soccorro. O «mesmo succedia com as freiras do Calvario em Evora; tinham tam«bem o toque da fome. Quando nada havia, nem se esperava, iam «para o côro, entoavam as suas rezas ao som do triste signal.»

Xavier Botelho de Lima, da Casa dos Condes de S. Miguel.

N'este mosteiro foi que, no seculo XVIII, o Marquez de Pombal mandou enclausurar a heroica D. Izabel Juliana de Souza Coutinho, que não consentira na consummaçao do Matrimonio com seu filho. (*)

QUARTEL DE CAVALLARIA

Na parte sul da cidade e a pequena distancia do muro da cerca nova está o — *quartel* — que ha muito serve de alojamento do Regimento de Cavallaria n.º 5.

N'este local esteve o — *Castello novo da Cidade* — razão porque ainda hoje se chama — largo dos Castellos — á praça que dá acesso ao quartel, pelo lado Norte.

Diz-se que este edificio foi construido á custa da cidade para evitar os encargos resultantes d'aboletamentos.

Foi começado em 1744 e concluido em 1807. É considerado um dos melhores quarteis do Paiz.

Tem a fórma de um quadrado, com uma grande praça ou *parada* interior; nos quatro angulos tem um torreão, e é de dois andares.

Tem habitação para o Coronel, Tenente-Coronel, Major, Ajudante e seis officiaes. Pode alojar commodamente 350 praças e 250 cavallos.

Tem annexo, separado por uma estrada ou caminho municipal, um picadeiro tapado, que tem 40,^{m}70 de comprimento por 17,^{m}80 de largura, alem d'isso

(*) O Sr. Antonio Francisco Barata escreveu um drama — *Izabel de Souza ou a origem dos Palmelas.*

tem proximo um hospital para o tratamento dos cavallos do Regimento.

Junto ao picadeiro ha um terreno murado que serve para exercicios.

Na rua da Mesquita, não longe do quartel está o — *hospital militar* — no edificio em que teve principio o — *Mosteiro das Senhoras Commendadeiras de Malta* — (1512 a 1530), que foi transferido d'esta cidade para Estremoz. No logar d'este Mosteiro foi estabelecido, por Heytor de Pina Olival, Desembargador natural da Guarda e sua mulher D. Francisca de Brito Sacota, natural de Beja = o *Collegio da Madre de Deus* — para doze estudantes nobres, de que seis fossem seus parentes e os outros seis por concurso, e todos os mais, que pagando os seus alimentos, se quizessem aproveitar dos seus exemplos e companhia. Este collegio começou a funccionar em 1608, e estava sob a dependencia do P. Reytor da Universidade. O edificio é ainda hoje conhecido pela designação da — *Madre de Deus.*

A REAL CASA PIA DE EVORA

No antigo—Collegio do Espirito Santo da Companhia de Jesu — foi, em 11 de agosto de 1836, fundada a Casa Pia de Evora por Antonio José d'Avila, então administrador geral d'este Districto e depois duque d'Avila e Bolama. Reunindo os rendimentos de 4 recolhimentos (da Magdalena, Piedade, S. Manços e Collegio dos Meninos Orphãos, (*) que nem um satisfazia ao seu fim, criou a sua dotação. O decreto regulamentar d'esta Casa de Beneficencia é de 27 de outubro de 1836, e nelle se acha disposto o seguin-

(*) Veja-se *Evora Gloriosa* do padre Fonseca, pag. 232 a 234 inclusivê, sobre estes recolhimentos.

te : — Neste estabelecimento serão recolhidos e sustentados, e receberão a instrucção primaria, e a das artes fabrís, os expostos, orphãos, e meninos abandonados de um e outro sexo, do respectivo districto administrativo e os de pessoas indigentes.

O decreto regulamentar foi ligeiramente modificado pela Carta de Lei de 2 de janeiro de 1838.

De 1836 até ao presente tem esta humanitaria e utilissima instituição funccionado mais ou menos regularmente mas sem interrupção.

O numero de rapazes é actualmente (1900) de 96, podendo elevar-se a 100; e o das raparigas é de 37, podendo elevar-se a 50.

A parte Sul do edificio é occupada pelo Governo Civil e suas dependencias, e n'uma parte da ala oriental está a Repartição de Fazenda do districto. No pavimento terreo, aonde funccionou a Universidade de Evora está estabelecido o Lyceu Nacional e Cend'esta cidade.

O antigo Collegio do Espirito Santo da Companhia de Jesu, o terceiro na ordem chronologica, é devido ao Cardeal Infante D. Henrique, que o fundou em 1551 (*), mandando vir os R. P. de Coimbra, e hospedando-os, em quanto durou a construcção n'umas casas da Freiria, no antigo convento das Maltezas (aonde hoje é a egreja da Misericordia), e no Palacio de S. Francisco. Em 1554 foram os R. R. P. P. finalmente para a sua casa.

A Egreja junta foi começada em 1567 lançando a primeira pedra o Arcebispo D. João de Mello (que governava então a Archidiocese, em virtude do Cardeal-Infante ter de exercer as funcções de Regente durante a menoridade de El-Rei D. Sebastião); estava concluida em 1574, e foi o Cardeal quem celebrou, em grande solemnidade, o primeira missa.

(*) (Veja-se a *Evora Gloriosa*, pelo padre Fonseca, pag. 360 e seguintes. Os *Estudos Eborenses*, por Gabriel Pereira, fasciculo : *Casa Pia*.

Em 1 de novembro de 1559, dia de todos os Santos, se abriu solemnemente a Universidade de Evora, no Collegio do Espirito Santo — lendo-se a Bulla do Papa Paulo IV concedendo licença para poder-se erigir em Evora uma Universidade sujeita á Companhia de Jesu, em que se ensinassem todas as sciencias (excepto medicina, direito civil e a parte contenciosa do direito canonico) e poder dar graus de bachareis, licenceados, mestres e doutores; bem como o Alvará regio para a erecção da Universidade. Em seguida foi dado d'ella posse ao P. Miguel de Torres, provincial d'esta Provincia (*).

O edificio do antigo Collegio é vasto; porém, alem das suas grandes dimensões e innumeras commodidades, só tem digno d'attenção : o *cruzeiro* no encruzamento dos dois grandes corredores situados nas direcções Norte e Sul, Este e Oeste, que foi levantado, á sua custa, pelo Padre Antonio Franco, em 1726. É uma casa oitavada com zimborio, nichos, pinturas e ornatos. Ha nos quatro lados cheios, quadros de azulejos mui curiosos, de notavel desenho, representando *a terra, a agua, o fogo* e *o ar*. Sobre estes quadros, a certa altura, estão quatro estatuas allegoricas de anjos da guarda, sustentando escudos com as armas de Portugal, do Cardeal D. Henrique, de Evora e da Companhia de Jesu.

Proximo do cruzeiro, no corredor do lado norte, está a antiga capella do Cardeal fundador, que alem do portado de marmore da entrada, tem quadros de azulejos apreciaveis, estatuetas dos quatro evangelistas de boa esculptura, e uma imagem da Senhora da Piedade de bom trabalho.

(*) O Sr. Dr. Queiroz Velloso, erudito Conservador da Bibliotheca Publica de Evora, tem no prelo uma historia da Universidade de Evora, de que é author. Entretanto, veja-se a *Evora Gloriosa*, do padre Fonseca, pag. 416 e seguintes. *Estudos Eborenses*, de Gabriel Pereira, fasciculo : *Universidade de Evora. Apontamentos da historia da instrucção Popular em Portugal*, por D. Antonio da Costa.

O refeitorio, em parte do primeiro pavimento do corpo do nascente, é digno de visita. Tem 37,^{m}4 de comprido por 8,^{m}7 de largo; 8 columnas de magnifico marmore estão no eixo medio do vasto salão sustentando a abobada; bancos e mesas de marmore seguem as paredes, que são forradas até certa altura de azulejos do seculo XVI, quadrados e rectangulos, brancos e verdes formando xadrez. Estão no refeitorio dois quadros — *A Cêa do Senhor* e o *Milagre dos cinco pães e dois peixes*.

Antes de entrar no refeitorio está uma fonte de marmore, que servia de lavatorio, em forma de urna, sobre uma taça circular, formada de uma só peça, com 5,^{m}72 de circumferencia, donde a agua sae por oito *serafins*. É tambem do seculo XVI.

A Egreja (*) está situada ao occidente do Collegio e estende-se de Sul a Norte, tem tres lindas portas (hoje algum tanto estragadas) precedidas de um portico com arcadas de cantaria de granito. Tem uma só nave, com 25,^{m}7 por 11,^{m}0 de largo. O cruzeiro tem 12,^{m}20 de comprimento por 7,^{m}28 de largo.

Nota-se n'ella obras de talha, pinturas e ornamentações, que são dos seculos XVII e XVIII.

A obra de talha é notavel, dourada e colorida.

Na capella-mór ha curiosos azulejos polychromos, datados de 1631.

Duas grades de perfeito trabalho separam o cruzeiro da capella-mór e do corpo da egreja.

(*) Zeferino Brandão no seu livro — *Monumentos e Lendas de Santarem* — diz, referindo-se aos templos da Companhia de Jesu: «Os padres da Companhia, que foram sempre homens feitos de sua «vontade, para em tudo o mostrarem, até nas regras de architectura «religiosa erão mais caprichosos do que os padres das outras ordens. «Os seus templos ostentavam o seu grande poderio; em todos deixa- «vam impresso o cunho da sua opulencia, mas tambem o da sua ori- «ginalidade.»

Altos balaustres de marmore vermelho firmam a grade maior, pequenos balaustres de marmores diversos, em delicado mosaico, apoiam a menor, que é a que separa o cruzeiro da capella-mór. O pulpito é singular, formado por columnellos de bronze, dispostos circularmente, sobre base de marmore vermelho.

Mosaico de marmores de muito merecimento ornam a capella do Senhor da Cana Verde.

Na capella do Senhor dos Passos notam-se bellos e delicados mosaicos, columnas salomonicas de finissimo marmore, porta almofadada com ferragens e pregaria amarella e sobre a grade ornatos em ferro batido, imitando folhagens de elegante desenho.

Esta capella estava na egreja do convento da Graça; veio para a Casa Pia em 1844, ficando concluida esta melindrosa transferencia em 1845. Toda a despeza correu por conta da irmandade do Senhor dos Passos, a cujo cargo está. É o melhor exemplar de marmores embutidos ou incrustados que Evora possue. (*)

Na capella de S. Ignacio de Loyola ha outro entalhado dourado e colorido.

Na primeira capella á esquerda está um grande tumulo de marmore e pedras com brazões: vieram de S. Domingos; diz-se que pertenciam a uma capella do Marquez de Abrantes.

(*) Veja-se Gabriel Pereira — *Estudos Eborenses* — fasciculo — *Casa Pia.*

A entrada desta capella tem um portado de marmore com lavores e verga em arco, tendo superiormente um escudo em losango (ou em *lisonja,* como diz Villas Boas) emcimado por uma coroa de marquez. O escudo é partido tendo as armas dos Meneses (*enxequetado de prata e azul*) á direita, e as dos Lorenas á esqnerda.

Segundo uma nota do Conselheiro Cunha Rivára, estava na capella do Senhor dos Passos da Graça de Evora um tumulo com um epitaphio em latim, que foi por elle lido e assim tradusido :

A Deus todo poderoso.

Muitos titulos n'um só nome, todas as virtudes 'numa só doutrina encobre este curto letreiro. D. Isabel de Lorena, no anno de 1699,

Na capella do Santissimo ha esculpturas em madeira de grande relevo e perfeição.

Fronteira a esta capella está o tumulo onde o Cardeal fundador tencionava repousar no seu somno eterno. Tem uma longa inscripção latina, que vem transcripta no fasciculo *Casa Pia*, já citado, dos Estudos Eborenses de Gabriel Pereira.

Na egreja ha ainda digno de menção — duas elegantes pias d'agua benta — feitas de marmore branco e o valioso guarda-vento da porta principal feita de madeira do Brasil, com lavores.

Superiormente ás capellas lateraes, ha tribunas com guarnecimentos de marmore e os peitoris sustentados por balaustres tambem de marmore.

Atraz da capella-mór fica a sachristia; azulejos especialissimos forram as paredes; são de fino esmalte, azul, branco, verde e amarello; o tecto é pintado, de grande trabalho, em quadros que representam scenas da vida de Sancto Ignacio de Loyola; tem a data de 1599. Conservam-se na sachristia algumas telas a oleo notaveis pelas scenas que representam.

Na mesma sachristia ha uma linda imagem de um R. P.e da Companhia — S. Francisco Xavier ou S. Ignacio de Loyola, que é digna d'attenção.

Na escura casa que serve de communicação da

---

aos 26 de sua edade, resignando-se com piedade e fortaleza a uma prematura morte, mostrou que não esta mas só Deus era para temer. D.

D. Rodrigo Anes de Sá Almeida e Menezes, Marquez de Fontes, mandou faser este monumento para sua mui amada consorte.

Na Historia Genealogica da Casa Real Portugueza — Tomo X — (pag. 385 e seguintes), lê-se :

D. Isabel de Lorena, filha da Duqueza D. Maria Angelica Henriqueta de Lorena, segunda esposa do Duque D. Nuno, casou com Rodrigo Eanes de Sá Almeida e Menezes, 3.º Marquez de Fontes, 1.º de Abrantes, VII Conde de Penaguião, etc. Faleceo a Marqueza D. Isabel de Lorena em Evora em 26 de novembro de 1699 e jaz no Convento dos Eremitas de St.º Agostinho, n'uma capella, que o Marquez seu Esposo lhe mandou lavrar de finissimos marmores.

Fontes é uma villa do Concelho de St.ª Martha de Penaguião, dist. de Villa Real e bisp. de Lamego.

egreja para o Collegio e para a sachristia, e ante a porta d'esta, está uma campa rasa, com uma inscripção latina, que diz estarem ali os restos mortaes do benemerito, e virtuoso Arcebispo de Evora D. Fr. Manuel do Cenaculo Villas Boas, a quem a cidade de Evora muito deveu e deve.

Na parede exterior da egreja, no lado occidental, vê-se uma porta tapada e meia enterrada pela estrada que junto d'ella passa, era por onde El-Rei D. Sebastião, quando esteve no palacio, visinho, dos Condes de Basto, entrava no collegio para conversar com os P. P. ou assistir ás suas disputas e conferencias.

Mais adiante d'este portado, e na parte correspondente ao *Conventinho* ou edificio antigo do *Noviciado*, vê-se um lindo portado de marmore branco lavrado, do estylo renascença, que veio do Convento de S. Domingos. É semelhante ao portado do ediculo que existia na egreja do Mosteiro do Paraizo, no qual estava o sarcophago de D. Alvaro da Costa, camareiro d'El-Rei D. Manuel e padroeiro da Egreja (*).

UNIVERSIDADE DE EVORA

Na parte do antigo collegio aonde estava a Universidade, creada em 1559 pelo Cardeal-Infante D. Henrique e extincta pelo Marquez de Pombal, com a expulsão dos Jesuitas, acha-se hoje funccionando o Lyceu Nacional e Central de Evora.

Esta parte do edificio está, com excepção da — sala dos actos grandes — que se acha em ruina, tal

(*) O ediculo de D. Alvaro da Costa está destinado para o museu Cenaculo, findas as demolições da Egreja, segundo foi dito por pessoa competente; assim como, algumas campas existentes no mesmo Mosteiro, como por exemplo a da sepultura de *Ruy da Grãa*, chanceller-mór de D. João II, etc.

como no tempo em que n'ella funccionaram as aulas da Universidade (que eram duas de ler, escrever e contar, oito de latim, quatro de Philosofia, tres de Theologia, duas de Moral, uma de Escriptura, uma de Mathematica), por isso pediremos á *Evora Gloriosa* do padre Fonseca (pag. 420) a sua discripção: «He o Pateo da Universidade huã formosa Quadra de 190 palmos (41,m80) de Nascente a Poente, e 174 (38,m28) de Norte a Sul, cercada toda de varandas alçadas seis palmos (1,m32) do primeyro pavimento, em que sobre quarenta, e nove coluñas, e vinte meyas coluñas de finissimo marmore com capiteis e bases do mesmo. se levantão formosos arcos, que rodeão o claustro todo. Sobre estes da parte do Nascente e Poente correm duas galarias de formosas janellas rasgadas, e da parte do Sul e Norte, varandas sustentadas em coluñetas de marmore, e muyto bem azulejadas.

Sobe-se do primeyro pavimento ao segundo por tres escadas de marmore, e neste ficam as entradas das Aulas.....................................

No meyo do pateo está huã Fonte de marmore, que destilla pereñe agoa, a que serve (*servia*) de coroa a effigie de Pallas com esta letra — *Dicatum sapientiae* —. A porta do Pateo, que fica em huã formosa fachada, e nobilissima galaria, he ornada com quatro grandes coluñas de marmore, e suas alquitravas, e frontespicio, no qual se vê a Pombinha, Symbolo do Spirito Santo, a que a Academia he consagrada, com a letra — *Ille vos docebit omnia* —. Corresponde-lhe dentro a fachada da Sala, que he verdadeyramente Real, toda de marmores brancos custosamente lavrados; compreende dous cunhaes, e tres arcos, a que correspondem outras tantas portas para a Sala, e sobre os arcos tres janellas tambem de finissimos marmores. Sobre a do meyo estão as armas reaes, e estas letras *Henricus primus Lusitaniae Rex, sacrae Romanae Ecclesiae Cardinalis, Patriae Pater, Reli-*

gioni et bonis artibus, e sobre as armas o Santissimo nome de Jesu sustentado por dous Anjos, a que acompanhaõ por remate dos Cunhaes duas Estatuas de marmore, huã com o Ceptro, e o Sol, outra com o Bago, e a Lua, para indicar, ou que a Universidade he Real, e Pontificia, ou as duas principaes dignidades do seo glorioso Fundador, como já tinhão estado no antigo frontespicio animadas com a letra: *Virga tua, et baculus tuus*, entendendo — *Ipsa me consolata sunt.* O interior da sala pelas suas pinturas, e ornamentos he (*era*) cousa preciozissima, e nella estão (*estavão*) os Retratos (*) ao natural do Papa Paulo IV, que erigio a Universidade, do Cardeal D. Henrique, que a fundou, dos Reys D. João III, D. João IV, D. Sebastião e Infante D. Luiz, que a favorecerão e do Patriarcha D. Affonso Mendes, Bispos D. Apollinar de Almeyda, D. Pedro Martins, D. Melchior Carneyro, D. Luiz de Cerqueyra, e Padres Luiz de Molina, Leão Henriquez, e Francisco de Mendoça, que com o seo magisterio a ennobrecerão e com os seus livros a illustrarão.»

A disposição da sala era a mesma que a da Universidade de Coimbra, com a differença das portas de entrada serem n'um dos topos, e ser a sala de Evora muito mais rica em marmores, frescos, azulejos, pinturas e dourados, como ainda se reconhece.

Os azulejos polychromios que guarnecem interiormente os nembos (**) das portas de entrada da sala são lindissimos e fazem lembrar uns desenhos de Raphael, que ha no Vaticano e de que se encontra copia n'uma gravura existente no Paço Archiepiscopal e no 5.º vol. do *Dictionaire des Arts e Manufactures de Laboulaye.*

(*) Estes retratos forão feitos em tela, que desapparecerão e em fresco nas paredes, nas partes correspondentes ás telas, como ainda hoje (1900) se reconhece.

(**) *Nembo*, segundo a linguagem operaria, é o massiço ou corpo entre os vãos das portas e das janellas.

É o *trumeau* dos francezes.

As aulas e casas da claustra são azulejadas, sendo alguns dos azulejos datados de 1746 e de 1747.

O azulejos são dignos de exame pelos seus desenhos : n'uma aula, os desenhos representam scenas das Bucolicas de Virgilio; n'outras, desenho da experiencia de Otto de Guericke dos hemispheros de Magdebourg com vinte e quatro cavallos, e d'outras experiencias de physica; etc.

Sendo Reytor do Lyceu o Dr. Antonio Maria Jalles foram mandadas fazer pelo Governo (1893-1897), a instancias suas, reparações no Lyceu, ficando, infelizmente, sem reparos, com prejuiso do serviço escholar, a sala dos actos.

SEMINARIO ARCHIEPISCOPAL

(ANTIGO COLLEGIO DA PURIFICAÇÃO)

Visinho da Casa Pia e ao Norte d'ella está o Seminario Archiepiscopal de Evora.

O edificio em que se acha estabelecido é o do antigo Real Collegio da Purificação (*), annexo á Universidade, dotado e começado a construir pelo Cardeal D. Henrique, já então Rei, em 27 de junho de 1579 e concluido em 1605, apesar de ser habitado desde 25 de Março de 1593 (**).

Este Collegio era destinado para Seminario dos parochos, e era consagrado a Nossa Senhora da Purificação.

Pela extincção do Collegio do Espirito Sancto, passou a ser Convento de Rilhafolles, e, pela extinc-

(*) Sobre este Collegio veja-se — *Evora Gloriosa* — do padre Fonseca, pag. 422 e seguinte.

(**) O Cardeal D. Henrique falleceu sete meses depois de começada a obra.

ção dos Conventos, foi, graças a diligencias do Arcebispo D. Francisco da Mãe dos Homens Annes de Carvalho (1846 a 1859), cedido para Seminario, que continua ainda hoje.

No andar inferior, do lado do Nascente esteve a Imprensa da Universidade, concedida pelo R. P. Geral Gozuvino Nickel em 1657, que, segundo o dizer do padre Fonseca, era magestosa e de muita utilidade (*)

Foi mestre das obras d'este Collegio Jeronymo de Torres.

Na capella do seminario ha digno de attenção um bello Crucifixo de marfim (seculo XV), que está no altar-mór; uma excellente imagem de S. Francisco, que está n'um dos altares lateraes; assim como, uma Custodia de prata dourada, de bonito trabalho e estylo renascença, que se guarda no Archivo do Seminario e que já figurou em Exposição.

Ha tambem na Capella um exemplar dos antigos e afamados tapetes d'Arrayollos (**).

(*) Durou até á extincção do Collegio do Espirito Sancto. Em 1680, imprimiu-se nella a obra — *Theodosius Lusitanus;* em 1753, as *Constituições do Arcebispado.*

Em Evora houve outras imprensas. Em 1521 sae á luz a primeira obra impressa em Evora. Em 1554 a 1573 é impressor em Evora André de Burgos; em 1585 é impressor Martim de Burgos; em 1593 é impressor Manuel de Lyra; em 1612 é impressor Francisco Simões; em 1636 é impressor Manuel Carvalho.

Em 1587, 1590, 1591 e 1786 imprimiu-se em Evora.

Em memoria dos impressores Burgos foi dada a uma rua de Evora o nome — *Rua de Burgos* —. Na Bibliotheca Publica de Evora ha exemplares de obras impressas nesta cidade, nessas epochas.

(**) Sobre Tapetes de Arrayollos pode-se ver o livro *Artes e Artistas*, por Souza Viterbo, 1892 (pag. 69 e seguinte).

Ainda hoje ha em Arrayollos quem faça desses tapetes.

A EGREJA DE S. FRANCISCO

A Egreja de S. Francisco fazia parte do extincto Convento da mesma denominação que foi substituido por edificações urbanas. Difficil seria a sua reconstituição, bem como a dos Paços Reaes que n'elle se entroncava.

Quem desejar conhecer a historia do antigo Convento e do Palacio, seu visinho, poderá ler os escriptos do malogrado Dr. Augusto Filippe Simões, publicados no Archivo Pittoresco (*), que em linguagem primorosa dá d'elles larga noticia. A Egreja era considerada Capella Real.

Em 1840 mudou-se para esta egreja a freguezia de S. Pedro, que ainda n'ella continua. (**)

Annexa á Egreja está a ordem Terceira de S. Francisco, que já ali existia no tempo dos frades. Por occasião da extincção do Convento, solicitou ella (1837) a Egreja e a casa dos ossos para as conservar. Acha-se tambem junto á egreja (lado Norte) a capella de S. Joãosinho, aonde esteve a egreja da confraria da Misericordia, quando foi instituida. Esta capella tem entrada independente e ao mesmo tempo communicação interior com a Egreja. Superiormente á porta de entrada está, n'um nicho, um anjo, do tamanho de uma pessoa de estatura regular, feito de marmore branco, tendo nas mãos uma fita com a seguinte inscripção — *Ave Snor Mia.*

A egreja é de uma só nave com 36,^{m}10 de comprimento e 12,^{m}80 de largura. A altura, do fecho da

---

(*) Anno 1868.

Pode-se ver tambem — *Documentos historicos da Cidade de Evora*, por Gabriel Pereira. Evora. Imprensa da Casa Pia. 1886. Fasciculos XII, XXI, XXIII.

(**) A antiga egreja da Freguezia de S. Pedro acha-se actualmente transformada n'um edificio aonde funcciona a Escola districtal.

abobada ao pavimento é de 26,ᵐ80 approximadamente.

Tem por banda seis capellas com 4,ᵐ80 de comprimento por 3,ᵐ70 de largo.

O cruzeiro tem 30,ᵐ92 de comprido por 5,ᵐ90 de largo.

A capella-mór tem 12,ᵐ50 de comprimento por 7,ᵐ54 de largo e é guarnecida de duas filas de cadeirado, e separada do cruzeiro por uma balaustrada de marmore, com uma entrada no meio. O cruzeiro é separado do corpo da egreja egualmente por uma balaustrada de marmore, porem, com tres entradas.

No cruzeiro está, do lado do evangelho, a capella do S.S., com o throno de linda talha, ricamente ornamentada.

Do lado da epistola está o altar do Senhor da Columna, e a entrada para a *Capella dos ossos*. No mesmo cruzeiro, lateralmente á entrada para a capella-mór, estão dois altares com quadros de boa pintura, em madeira.

O altar-mór e o seu retabulo que foi mandado fazer em substituição do primitivo, como consta da inscripção existente no lado do evangelho, por ordem e á custa do conego Antonio Landim de Sande (1773), destôa completamente do estylo do templo.

As paredes da capella-mór são guarnecidas, superiormente ao cadeirado, com quadros representando frades e freiras franciscanas.

Notam-se do lado da epistola duas lindas janellas de marmore branco lavrado, tendo cada uma um *mainel* ao meio; as quaes correspondem ao côro de cima (assim chamado em contraposição ao côro de baixo que era na capella-mór).

O tecto da capella-mór é de lindo desenho feito com *artezões* de *cantaria*, que formam o esqueleto da abobada que a cobre.

Sobre a traça do templo, que é, como a sala do Capitulo do Mosteiro da Batalha, um d'aquelles mi-

lagres da arte que assustam e despertam admiração, reprodusiremos a discripção que d'ella faz o Dr. Augusto Filippe Simões (*): «Em vez de uma só parede de proporcionada grossura, construio o architecto duas de cada lado da egreja, separadas por um vão de pouco mais de 3m, cuja parte inferior aproveitou para accomodar as capellas lateraes. De espaço a espaço travou as duas paredes com outras transversaes que em baixo separam as capellas entre si. Sobre estas paredes transversaes, que são seis de cada lado, estribou egual numero de arcos, que dividem o tecto n'outras tantas secções, e ao mesmo tempo servem de base a novas paredes, que por cima da abobada continuam as transversaes d'um lado da egreja com as do lado opposto. E em correspondencia a estas paredes superiores, e nos mesmos planos, construiu outras debaixo do chão, que igualmente continuam as transversaes. Dest'arte formou no templo seis quadros ou caixilhos enormes, que dentro d'elle se não vêem, por ficarem dos lados, entre as paredes geraes, em cima superiores á abobada, e em baixo enterrados no chão. Descobrem-se, porem, sobre os telhados as paredes que transversalmente prendem as fachadas lateraes da egreja, isto é, as partes superiores dos quadros.

«Para faser mais segura a sua obra, o architecto ergueu outra parede longitudinalmente por cima de todo o acume da abobada, cortando assim perpendicularmente e na linha media do tecto as paredes transversaes, e do mesmo modo travou as inferiores com uma parede semelhante, que liga debaixo do chão os dous extremos da nave. Os corucheus que se avistam na aresta mais alta do tecto assentam sobre as intersecções da parede longitudinal superior com as transversaes, e augmentam com o seu peso a solidez de toda a fabrica.

(*) *Archivo Pittoresco*. 1868. Convento e Egreja de S. Francisco de Evora.

Como dissemos, só em cima dos telhados se vê o que chamaremos esqueleto da egreja, no qual reside a fortaleza com que ella tem resistido aos seculos, que decorreram depois da reedificação (*), apesar de serem de alvenaria as suas delgadas paredes.»

O architecto d'esta egreja foi Martim Lourenço. (**) Ella foi começada a construir no reinado de D. João II e concluida no reinado d'El-Rei D. Manuel (***).

A construcção é do estylo romano-ogival.

As suas paredes e tectos são guarnecidas de fitas de argamaça indicando o *apparelho*, como na Sé.

O cadeirado da capella-mór é trabalho de *Olivier de Gand* (**), o mesmo que fez o primitivo cadeirado do chôro da Egreja do convento de Christo em Thomar.

A capella-mór antiga tomou D. Manuel para si, concedendo licença aos religiosos para darem as mais capellas a pessoas particulares para seus jazigos. N'estas capellas vêem-se ainda as campas, que cobrem os carneiros, com os respectivos letreiros e brazões.

A primeira capella á direita era da familia *Cogominho*, e n'ella está um lindo tumulo de marmore com figura de guerreiro sobre a tampa, representando

(*) A egreja actual é a terceira. A primeira tinha sete naves e caiu, e com as esmolas dos fieis os frades tornaram a levantar uma de tres naves que tornou a cair com parte do alpendre.

(**) Veja-se — *Laurent (Martin)* - - no Dictionnaire historico-artistique du Portugal par le comte A. Raczynski, bem como Diogo d'Arruda.

Veja-se na mesma obra de Racynski — *Olivier de Gand* —; bem como — Monumentos de Portugal por Vilhena Barbosa (pag. 186).

(***) D'estas obras ficou uma curiosa memoria no foral que El-Rei D. Manuel deu á cidade em 1501 e que se guarda no Archivo da Camara. E' uma vista da Cidade no Seculo XVI, onde está em obras o edificio de S. Francisco, apparece completa a galilé; n'um elevado terraço vê-se um guindaste armado; indica-se a galilé ou arcada do edificio, vê-se que era coberto por telhado de duas aguas. (Estudos Eborenses de Gabriel Pereira — *O Archivo Municipal*).

Fernão Gonçalves Cogominho, instituidor do Morgado da Torre dos Coelheiros (*).

As capellas lateraes são fechadas por balaustradas de marmore e communicam-se entre si, e com o corpo da egreja.

Na primeira capella á esquerda está a pia baptismal que veio da antiga egreja da freguesia de S. Pedro e um quadro, representando o baptismo de Jesus Christo, que pertenceu ao extincto convento das Maltezas de Estremoz.

A entrada do templo é voltada para o occidente, e é precedida por uma *galilé* ou portico, com arcadas, que se estendem em toda a sua largura, e é coberta por abobadas, sobre as quaes corre uma varanda com curiosas gargulas. A porta é dupla, com mainel ao meio, em que veem terminar arcos circulares que a rematam, e que são de marmore branco com lavores. Sobre a entrada vêem-se (assim como no arco do cruseiro) as armas reaes, tendo á direita, o *pelicano* (emblema de El Rei D. João II) e á esquerda a *esphera armilar,* emblema de El-Rei D. Manuel).

O templo não tem *gigantes* ou *botareus* senão aos cunhaes, na direcção das paredes.

Nesta egreja, com uma pouca d'attenção, se re-

(*) Lê-se n'este tumulo o seguinte epitaphio: «Aqui jaz o muito honrado Fernão Gonçalves Cogominho, senhor que foi das villas de Aguiar e Oriolla, instituidor do morgado da Torre dos Coelheiros, fidalgo d'El-Rei D. Affonso IV, falleceu na era de 1364 annos. N'uma das salas do velho solar da Torre dos Coelheiros, viam-se ha pouco tempo (1899) tres quadros a oleo, representando: um, o Rei godo Atanagildo, que reinou em Hespanha até o anno de 565, e é progenitor d'esta familia. O outro, representando Pedro Alves Cogominho que resgatou Evora do poder dos Mouros, e levou as chaves das portas da cidade a El-Rei D. Affonso Henriques a Coimbra, pelo que usam os seus descendentes, do brasão composto de cinco chaves mouriscas de prata em campo vermelho. O 3.º é de Fernão Gonçalves Cogominho, Senhor das villas de Aguiar, Oriolla, Copeiro-mór, Meirinho-mór do Reino, Instituidor do Morgado da Torre dos Coelheiros... Valido d'El-Rei D. Affonso IV, em 1340.

No segundo quadro está Pedro Alves Cogominho apresentando as chaves, n'uma salva de prata, a El-Rei, em acção de as receber.

conhece que o seu eixo se acha um pouco inclinado para o lado do evangelho. Isto que á primeira vista parece ser erro, foi, pelo contrario, intencional, e era, segundo alguns auctores, adoptada esta disposição pelos architectos do seculo XIII, pretendendo, por esse desvio, representar a inflexão da cabeça de Jesus Christo, na occasião em que expirou (*).

Nas cantarias d'esta egreja, assim como em outras do Paiz (**) notam-se os chamados *signes d'appareil*, que por muito tempo foram enigma, e que hoje são considerados como signaes com que marcavam os canteiros os seus trabalhos.

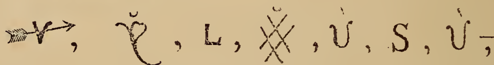
(*) Encontram-se exemplos nas cathedraes de Paris, de Quimper, de Nevers, de Bayeux.

Sobre o *desvio* do eixo das igrejas, veja-se *Cours élémentaire d'Archéologie religieuse par M. l'Abbé J. Mallet, Professeur au petit Séminaire de Séer.* — Paris. -- 1887. — (pag. 204).

— *Archéologie chrétienne par M. l'Abbé J. J. Bourassé.* Tours. 1886. (pag. 316 e seguintes).

(**) Na *Archeologie chrétienne* de M. l'Abbé Bourassé — pag. 169; no livro — *Les Arts en Portugal* par le Comte A. Raczynski. — Paris — 1846 — pag. 332 e seguintes, pode-se ver a interpretação ou noticia d'estes signaes. O Sr. Joaquim Possidonio Narciso da Silva (hoje fallecido), publicou em 1867, em Lisboa, *Mémoire de l'Archéologie sur la véritable signification des signes qu'on voit gravés sur les anciens monuments de Portugal, in-4.°, avec 156 figures.*

Na cantaria dos pilares do lado esquerdo encontram-se, alem de outros, os seguintes signaes



e nos do lado direito



Nas moedas empregavam-se semelhantemente (diz A. C. Teixeira de Aragão na sua obra sobre moedas) marca particular, *signal occulto,* que parece tornava responsaveis e incursos em certas penas os abridores, ensaiadores, arrematantes ou encarregados do seu fabrico.

As marcas monetarias começam entre nós a notar-se nas moedas de D. Fernando I.

A capella denominada dos ossos, foi obra dos frades; lê-se superiormente á porta da entrada:

«Nós ossos que aqui estamos
«Pelos vossos esperamos.»

É de tres naves; tem 18,^{m}70 por 11,^{m}0 de largura. As paredes, pilares e arestas das abobadas são guarnecidas de caveiras, e d'ossos.

Nesta capella estava a imagem do Senhor dos Passos, que ultimamente foi mudada para a casa proxima, com o seu altar. Nella está uma urna com os ossos dos tres frades que vieram fundar o primitivo convento.

A igreja não tinha torre, como ordinariamente não tinham os conventos; tinha sómente um campanario em arcada, na parede do lado do Sul, do que ainda restam vestigios.

Em 1860-1862 procedendo-se a reparações na egreja, foi, a requisição do Prior, construida a torre existente, afim de se empregarem os sinos do extincto convento da Graça.

Nesta egreja foi sepultado, embora hoje não appareça a sepultura ou a campa, Gil Vicente, o primeiro dramaturgo portuguez, fallecido nesta cidade antes de 1557, para aonde viera com a côrte (*).

Foi tambem sepultada neste convento, na antiga sala do Capitulo, a Abbadessa do Mosteiro de S. Bento, D. Joanna Peres Ferreirim, parenta da Rainha D.

(*) Veja-se Bibliotheca Lusitana (pag. 383) de Barbosa Machado. Encontra-se nesta obra circumstanciada noticia sobre Gil Vicente.

Leonor Telles, assassinada pelos populares, por occasiao dos tumultos de Evora em 1383 (*).

Na mesma Egreja ha uma campa, na parte da nave proxima á entrada do Cruzeiro, com o seguinte letreiro -- Sepultura de *ro* (?) *miz* /: *de* : *vila lobos*. Um escudo esquartelado: o 1.º e 4.º quartel tem um lobo passante, o 2.º e 3.º é d'escaques de tres peças em faxa e cinco em pala, que são 15 ao todo, cujo brasão é de Villalobos e Portocarreiros. Tem uma espada ao lado.

Proximo á entrada da Egreja, á esquerda, ha outra campa com o mesmo brasão, com a differença de ter a espada atravessada atraz do escudo, e a seguinte inscripção por baixo do escudo, em duas linhas de desigual tamanho: *S.ª de mem ruiz de Vas/coñcellos*.

Por algumas pessoas foi considerada esta 2.ª sepultura, como sendo do Commandante da Ala dos Namorados, na Batalha de Aljubarrota (**).

A coincidencia de serem os brasões eguaes, não serem dos Vasconcellos, e a circumstancia de ter havido varios Mem Rodrigues de Vasconcellos, torna duvidosa a existencia n'ellas dos restos mortaes do valoroso commandante do ala dos Namorados, que denodadamente, em 14 de agosto de 1385, combateu em Aljubarrota, e que em 1402 foi feito Mes-

---

(*) Veja-se a *Monja de Cistér*, romance historico, por Antonio Francisco Barata. As chronicas de Fernão Lopes. As chronicas seraphicas de Fr. Manuel da Esperança (parte 1.ª, livro 3.º cap.º 14) e do padre Jeronymo de Brito (livro 2.º cap.º 6.º) e na chronica de Cistér por Fr. Bernardo de Brito (livro 5.º cap.º 32) ao tratar de S. Bento de Castris.

O Sr. Visconde da Esperança tem, na sua Livraria da Manisola, o craneo da infeliz Abbadessa, que foi recolhido por occasião das demolições no extincto convento; ha poucos annos, para as edificações actuaes.

(**) Veja-se *Miscellanea historico-romantica composta por Antonio Francisco Barata*. Barcellos. 1878. (Mortos illustres — I Mem Rodrigues de Vasconcellos).

tre da ordem de São Thiago por El-Rei D. João I (*).

Na sachristia existe um painel, muito estragado do modelo do retabulo da capella-mór da Sé, representando a Assumpção da Virgem, que foi pintado em Roma por Julio Cesar Femini. Este painel mede 1,m5 de alto por 0,m80 de largo e segundo o Conego D. João da Annunciada (*Discripção da Egreja Cathedral de Evora*), custou o modelo 88$000 réis, e o quadro custou 700$000 réis.

A capella em que está o Senhor dos Passos, na casa proxima á dos ossos, é o modelo da capella-mór da Sé, redusida a 1/4 da sua grandeza, feita segundo os planos do Architecto da Basilica de Mafra, Ludovici (**) que fez o projecto e o modelo para a reconstrucção da dicta Capella-mór. Afim de adaptar-se esse modelo ao local aonde esteve na Casa dos Ossos, e d'onde veio para o logar em que actualmente está, cortaram-n'o na altura. Este modelo custou, segundo o Conego D. João da Annunciada, 2.256$000 reis. Estava no convento da Graça, donde saiu depois da sua extincção (***).

(*) Veja-se — Livro primeiro dos Brasões da Sala de Cintra por Anselmo Braamcamp Freire. — Lisboa. 1899. (pag. 174 e seguintes).

Houve tambem — Mem Rodrigues de Vasconcellos, senhor da casa e dos coutos de Freiriz e Penagade. Morto em 1343.

Houve outro, fallecido em 19 de julho de 1554, que vendeu o que tinha e a Misericordia de Evora enterrou como pobre.

(**) Sobre Ludovici é interessante a obra *Apontamentos acerca da biographia do notavel architecto da Basilica Real, Palacio e Convento da villa de Mafra*, pelo Visconde de Sanches Baena. — Lisboa. 1881.

(***) Veja-se — *Archivo Pittoresco* — 1868. Pag. 383. Veja-se — *Monumentos de Portugal*, por Vilhena Barbosa — pag. 140, parag. 4.º e a inscripção latina, que vem na pag. 18 (nota) da Memoria historica da Sé de Evora por Antonio Francisco Barata — Coimbra. 1576.

Na sala — *Botelho de Lima* — da Bibliotheca publica de Evora, estão dois vãos das arcadas do claustro d'este convento construido em 1376, e demolido, quasi completamente, por causa das edificações actuaes. Os arcos são ogivaes e de granito, repousando sobre duplos columnellos de marmore branco, que assentam em embasamento de alvenaria com cobertura de granito. Estas arcadas fazem lembrar as dos claustros do extincto convento de Cellas, em Coimbra (*), ou as do claustro do silencio no extincto mosteiro d'Alcobaça.

Existe na mesma casa, uma janella geminada, toda de marmore branco, que pertenceu á ala S. do antigo Convento, aonde está hoje o Asylo da Infancia Desvalida, que era conhecida pelo nome de *quartos da Rainha*. — A bacia d'esta janella tem, no sentido do seu eixo maior, embutidos d'azulejos (de relevo).

Existe na mesma casa, uma linda janella de peitos do estylo *renascença* que saiu da mesma ala do Convento: é semelhante ás que existem no torreão da galeria envidraçada, existente no passeio publico.

No museu *Cenaculo*, annexo da Bibliotheca e existente no Passeio Publico, está um *baixo relevo* do seculo XIV, que foi descoberto, ha alguns annos, entaipado n'uma parte do antigo claustro, onde servia de memoria sepulchral (**).

E todo inteiriço, de marmore branco, e tem 1,^{m}23 de largura, por 0,^{m}94 de alto e 0,^{m}23 de espessura.

(*) No palacio Barahona ha um quadro de Ramalho representando este claustro.

(**) Veja-se — *Archivo Pittoresco* — 1868, (pag. 361), aonde vem o desenho.

Representa em mais de meio relevo a Annunciação de Nossa Senhora. As figuras são toscas.

Na parte inferior do baixo-relevo lê-se em caracteres gothicos: Aqui jaz Ruy Pires Alfageme, frade da 3.ª ordem. Era 420.

A fita que o anjo segura nas mãos contem o seguinte letreiro nos mesmos caracteres maiusculos — *Ave Maria gratia...* No livro aberto entre as duas figuras, lê-se em gothico minusculo: *Ecce ancilla domini fiat mihi...*

Junto do livro está um vaso com a açucena.

O baixo relevo foi esculpido em 1382, que corresponde á era de Cesar 1420.

Nesta Egreja recebeu El-Rei D. João III os breves pontificios da erecção do Tribunal do Santo Officio, publicados em 22 de outubro de 1536.

Em 1894-1895 fizeram-se grandes reparações na Egreja e na Casa dos ossos, sendo as despezas á custa do Par do Reino Dr. Francisco Eduardo de Barahona Fragozo, e as obras superentendidas pela Direcção das obras publicas de Evora (*).

OS MONUMENTOS NACIONAES

Como complemento do que, bem ou mal, fica exposto, recommendamos a leitura do folheto — *Os Monumentos Nacionaes* — impresso em *Lisboa* — na Typographia do *Dia* — C. do Cabra, 7. 1900. É o seu

(*) Veja-se o *Archeologo Portuguez*, vol. I, pag. 281.

author o erudito Eborense G. P. (Gabriel Pereira), strenuo propugnador da conservação dos Monumentos Nacionaes.

Por toda a parte busca-se conservar os Monumentos, porque é que não faremos o mesmo?

M. Maurice Bekaert, Avocat près la Cour d'Appel de Gand fez no Circulo historico e archeologico de Gand, em 17 de dezembro de 1894, uma interessante conferencia:

De la
Préservation légale du Patrimoine Artistique

que foi publicada em Gand, pela Livraria J. Vuylsteke — Rue aux Vaches — 15.

É digna de attenção da parte de todos que amam a sua Patria e os seus monumentos.

Evora em 30 de Dezembro de 1900.

C. C. M.

FÓRA DOS MUROS DE EVORA

CARTUXA

OU

Antigo convento da Scala Coeli da ordem de S. Bruno (Chartreux)

Saindo pela porta da Lagoa, e seguindo pela estrada que d'ella parte (caminho de Evora para Arrayollos) vê-se á direita o antigo Forte de Sancto Antonio, assim chamado por ter tido no seu recinto um convento d'essa invocação que é hoje propriedade particular e tem o nome de Quinta da Piedade, e igualmente a arcaria do Aqueducto, n'outra parte já referido. Esta quinta só merece menção por ser uma bella vivenda, e sua proximidade da cidade.

Mais adiante está o extincto convento e cerca da Cartuxa, fundado em 1587 por D. Theotonio de Bragança. N'este convento se hospedaram por vezes os Duques de Bragança nas suas vindas a Evora.

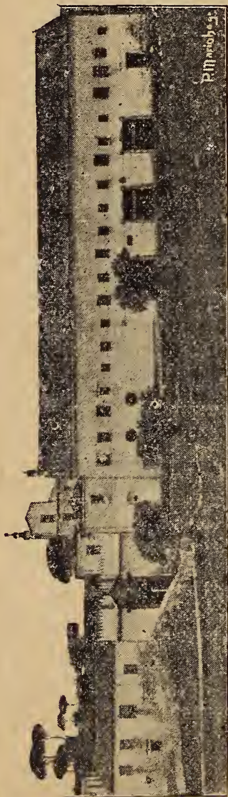
Depois da extincção das ordens religiosas, pertenceu á Real Casa Pia d'Evora, e mais tarde estabeleceu o governo na sua cerca uma quinta regional, que foi extincta em 1869, passando a propriedade ao par do reino José Maria Eugenio d'Almeida e hoje é do filho o par do reino Carlos Eugenio d'Almeida.

Este convento com o de Laveiras, eram os unicos conventos d'esta ordem em Portugal.

Hoje está, por assim dizer, em ruinas. Entretanto, é digno d'attenção a fachada da Egreja, do estylo da renascença, toda de marmore, assim como a fonte do claustro interior. (*)

(*) Veja-se *Evora Gloriosa.* O Sr. A. F. Barata, sob pseudonymo *D. Bruno da Silva,* escreveu um romance — *O Ultimo Cartuxo.*

É curiosa uma visita ás ruinas para conhecimento, embora imperfeito, do viver dos Cartuxos. Viviam em cellas, quando não tinham serviço na Egreja, aonde recebiam a comida por umas *rodas,* e eram compostas essas cellas de sete peças e um pequeno jardim com uma fonte e um tanque para conservar kagados. O seu alimento era peixe ou k a g a d o s quando estavam doentes. Para o abastecimento de kagados tinha o convento na cerca (proxima á estrada, aonde ainda hoje existe) uma lagoa onde se creavam os kagados, e que por isso chamavam o *kagadal.*



Mosteiro de S. Bento

A cadeira de espaldar em que o Superior assistia aos officios divinos está hoje na Egreja parochial de S. Pedro (antiga Egreja do extincto convento de S. Francisco), aonde tambem se acha n'uma das capellas do lado esquerdo uma boa imagem de S. Bruno.

MOSTEIRO DE S. BENTO DE CASTRIS

Adiante da Cartuxa e pouco mais ou menos a dois kilometros da cidade está o extincto mosteiro da ordem de S. Bento. É antiga a sua fundação, e ha quem a faça remontar á epocha da denominação musulmana. É propriedade da Fazenda e n'ella se acham installadas a Estação Chimico-Agricola de Evora e uma estação ampelo-philoxerica.

Á expoliação dos conventos a favor da Capital e a falta de conservação d'elles fazem com que no convento não haja cousa de notavel, e que as ruinas progridam de dia para dia.

Entretanto, na Egreja ha digno de attenção curiosos azulejos onde se vêem representadas as tentações de S. Bernardo. Os azulejos mais curiosos são aquelles que estão na parede, á esquerda do côro de baixo. (*)

QUINTA DA MANISOLA

Debaixo d'esta denominação ha um grupo de quintas pertencentes ao Visconde da Esperança, situadas á direita da estrada e fronteiras ao extincto mosteiro.

Na Manisola, propriamente dicta, reside o Visconde da Esperança, n'um predio por elle transformado, segundo risco proprio, n'uma casa com sua torre, em forma de castello.

O Visconde é grande proprietario não só no districto de Evora, como nos de Beja e de Lisboa; é

(*) Vejam-se: *Evora Gloriosa* e o fasciculo *Mosteiro de S. Bento de Castris* dos *Estudos Eborenses* de G. Pereira.

um illustrado agricultor, formado em Philosophia. e habilitado com o curso especial de direito administrativo.

É irmão mais velho do Par do Reino Dr. Francisco Eduardo de Barahona Fragozo, primeiro proprietario do districto de Evora.

Nas horas de descanço da sua afadigosa vida de agricultor tem se occupado e occupa da constituição de uma livraria e d'um museu na sua casa da Manisola.

N'uma das salas da sua linda vivenda, tem uma já hoje importante collecção de armas portateis de todos os generos. N'outra, tem uma importantissima livraria, em muitas cousas superior á Bibliotheca Publica de Evora (com exclusão dos manuscriptos). Ali encontram-se preciosos incunabulos; a *vita christi;* livros de Horas com preciosas illuminuras; Antiphonarios em pergaminho com illuminuras; as constituições dos Bispados Portuguezes (em que ha rarissimas de Miranda e Angra); o unico exemplar conhecido da grammatica de João de Barros; o unico exemplar, desconhecido de Bibliophilos — *Doutrina Christã* do Arcebispo de Evora D. João de Mello, successor do Cardeal D. Henrique, depois da morte de D. Sebastião, etc., etc.

Tem alem d'isso, differentes preciosidades artisticas e archeologicas, e numismaticas dignas de exame e de estudo.

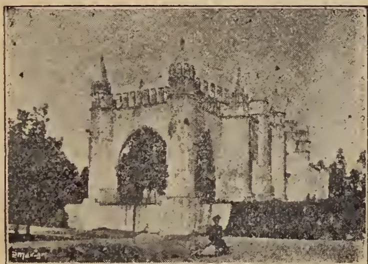
O Visconde da Esperança facilita, obtendo previa auctorisação, visita ao seu Museu e consulta nos livros da sua livraria (*).

(*) O Visconde da Esperança tem impresso — Catalogo dos principaes manuscriptos da sua livraria — publicado em 1897, em Evora, na Minerva Eborense.

ERMIDA DE S. BRAZ (*)

No Rocio, marginalmente á estrada da Estação do Caminho de ferro para Evora (Avenida Barahona), no sitio antigamente denominado — Outeiro da Corredoura — foi em 1480, com licença do Bispo D. Garcia de Meneses, construida a Egreja ou Ermida de S. Braz.

Proximo do local d'esta ermida, houve em 1479 um hospital ou Albergaria d'este nome para acudir aos atacados da peste que então grassava na cidade. Era de madeira e foi desmanchado depois de desap-



Ermida de S. Braz

parecer a epidemia, sendo erigida em cumprimento de um voto a ermida hoje existente.

É um raro exemplar do estylo gothico-normando, que lhe imprime a feição de um castello.

(*) Veja-se no Archivo Municipal Eborense — O Livro pequeno de Pergaminho — folha 66, ou veja-se o fasciculo XV e XVI dos Documentos Eborenses de Gabriel Pereira.

Evora Gloriosa.

Vilhena Barbosa — Monumentos de Portugal.

É semelhante á ermida de Sancto André, proximo da cidade de Beja.
É digna de exame tanto de curioso como de archeologo.

ADDITAMENTO

Casas da moeda em Evora

Houve casas de bater moeda em Evora, dil-o Manoel Severim de Faria (*), e o provam as moedas nella encontradas (**).

Difficil e mesmo impossivel seria dizer-se o local aonde nesta cidade estavam situadas as Casas da Moeda.

Para lembrar a sua existencia foi dado o nome de rua da moeda, a uma rua que parte da praça de Geraldo (antiga praça grande) — para a antiga Judiaria.

Não são conhecidas moedas romanas cunhadas em Evora posteriormente ao reinado de Augusto (A. D. 14).

Existem na Bibliotheca Publica de Evora, tres moedas romanas de cobre:

1 — Uma com a seguinte legenda e cunho — *Pernissu. Cesar. Augusti. P. M.* — Cabeça de Augusto voltada para a esquerda.

(*) Noticias de Portugal por Manoel Severim de Faria. — Lisboa. 1791. Vol. 2.º, pag. 49.

(**) Medallas de las Colonias, Municipios y Pueblos antigos de España por el R. P. M. Fr. Henrique Flores. En Madrid. — Ano 1757.

Discription générale des monnaies antiques de l'Espagne par Aloiss Keiss. Paris. 1860.

— *O Occidente* — vol. 2.º — 1879. Pag. 166.

R. Liberalitas Jualiae. Ebora (Patera, aspergillum, peræ fericulum, simplum et secespita (*).

2 — Uma com a seguinte legenda e cunho — *Perm. Cæs. Aug. P. M.* Cabeça de Augusto voltada para a esquerda.

R. Liberal — Itatis Juliae — Ebor. A ou *Ebora,* em quatro linhas no meio d'uma coroa de louros.

3 — Uma outra variedade do n.º 2 com a legenda em tres linhas — *L beral. Juli ie — Ebor.*

O R. P. M. Fr. Henrique Flores (**) menciona mais as seguintes moedas romanas:

1 — Uma, com o cunho e legenda, — Cabeça de Augusto voltada para a direita. *Permissu Caesaris Augusti Pontificis Maximi*

Coroa de louros, dentro da qual, *Liberalitatis Juliae Eborensis.*

É de *mediano-bronze* (***), muito rara em perfeito estado de conservação.

2 — Uma como a precedente: *coroa de louros,* dentro da qual, *Liberalitatis Juliae*, em duas linhas sem o nome de Evora.

É de *mediano bronze*, inedita e excellentissima.

3 — Outra. — Cabeça de Augusto voltada á direita. *Permissu Caesaris Augus i Pontif. Max.*

(Simplum, aspergillum, Patera, profiriculum et secespita) *Liberalitatis Juliae Eborensis.*

É de *grande bronze,* mui rara e excellentissima.

Durante a denominação dos Godos, que foi de

(*) Vejam-se estes nomes (que se referem aos objectos representados na segunda face) no — *Dictionnaire des Antiquités Romaines et Grecques par Anthony Rich.* 3.ª edição. São nomes de objectos de uso dos Pontifices, na occasião dos sacrificios.

(**) Na obra já atraz citada — na pag. 380 — *tabla XX* — n.º 14 e n.º 15; *tabla XXI* — n.º 1.

(***) Lê-se na *Numismatica de Fellmam*: «Le grand nombre de «monnaies de coin romain émises sous les empereurs a amené une «classification par nature de métaux et par modules, sous les dénomi-«nations de *grand bronze* (environ 30 á 35 millimetres) *moyen bron-«ze* (20 á 25 millimetres), *petit-bronze* (18 millimétres et au-dessous.»

mais de 128 annos, foram cunhadas em Evora as seguintes moedas (*):

1 — Leovigildo cunha dinheiro de ouro (572-A. C):

+ Leovigi'dvs Rex

Elvora Jvs + tvs

2 — Ricaredo, successor de Leovigildo, cunha dinheiro em ouro (587 A. C.):

+ Ricaredvs Rex

Jvstvs Elvora

3 — Liuva, filho e successor de Ricaredo, cunha moeda (601 A. C.)

+ D. N. Livva Rex

+ Jvstus

Elvora

4 — Witirico cunha moeda de ouro (603 A. C.)

+ Witiricus Rex

+ Jvstus

Elvora

5 — Gondemaro cunha dinheiro de ouro em Evora (610 A. C.)

6 — Sisebuto cunhou moeda de prata em Evora (612 A. C.) (**):

D. N. Sisebutus Rex. O busto do Rei.

Uma cruz de parte a parte. No meio *Civitas Ebora.* Em volta — *Deus Adjvtor. meus.*

(*) Alem da obra citada de Fr. Henrique Flores, pode-se ver — *Annaes de Portugal e Lusitania* por Joaquim Antonio de Souza Telles de Mattos. Lisboa. 1890.

(**) Veja-se *Noticias de Portugal* por Manuel Severim de Faria — tomo 2.º, pag. 23 e 24. *Evora Gloriosa* do padre Fonseca — pag. 35 e parag. 61, e Fr. Henrique Flores, obra cit., Telles de Mattos, obra cit.

7 — Swintila cunhou moeda de ouro em Evora (623 e 638 A. C.) (*)

8 — Egica, successor e genro de Ervigio, cunhou dinheiro de ouro em Evora (689 e 699 A. C.) (*)

Depois da tomada de Evora aos mouros, parece que foi El-Rei D. Fernando (1367-1383) quem primeiro mandou cunhar dinheiro em Evora, pois d'elle se conhece o *meio tornez* (**), — bilhão.

D. João I bateu moeda nesta cidade, conhecendo-se dois typos de *reaes*: um com as quatro letras *E V — O R* e outro com duas *E — V* (**)

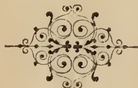
De D. João IV conhecem-se *tostões*, meios *tostões*, *dois vintens* e *vintem* de prata cunhados em Evora. (***)

Em julho de 1669 foi supprimida a Casa da Moeda em Evora. (***)

(*) Veja-se *Noticias de Portugal* por Manuel Severim de Faria = tomo 2.º, pag. 23 e 24. *Evora Gloriosa* do padre Fonseca = pag. 35 e parag. 61, e Fr. Henrique Flores, obra cit., Telles de Mattos, obra cit.

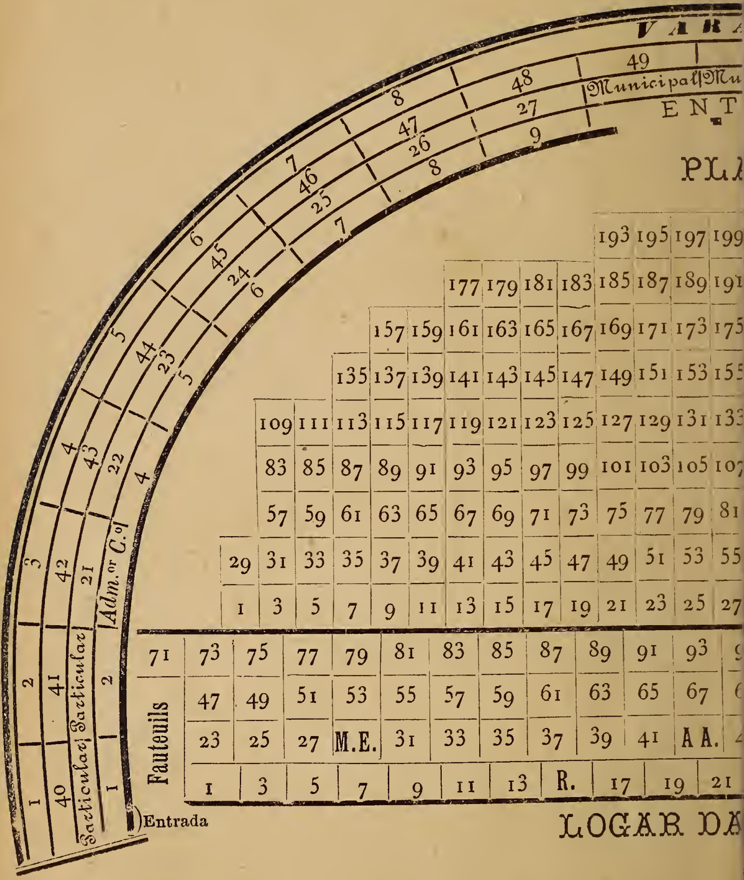
(**) Veja-se — *Casas da Moeda em Evora* — Apontamentos por A. F. Barata, publicados no vol. 2.º do *Occidente* (pag. 166) 1879.

(***) *Annaes de Portugal e Lusitania* por Joaquim Antonio de Souza Telles de Mattos.



INDICE





PLANTA DA SALA DE ESPECTACU

DAS

51	52

…al | Municipal

…DA

…ÉA

94	196	198	200										
78	180	182	184	186	188	190	192						
58	160	162	164	166	168	170	172	174	176				
36	138	140	142	144	146	148	150	152	154	156			
10	112	114	116	118	120	122	124	126	128	130	132	134	
84	86	88	90	92	94	96	98	100	102	104	106	108	
58	60	62	64	66	68	70	72	74	76	78	80	82	
30	32	34	36	38	40	42	44	46	48	50	52	54	56
2	4	6	8	10	12	14	16	18	20	22	24	26	28

	76	78	80	82	84	86	88	90	92	94	96	98
	52	54	56	58	60	62	64	66	68	70	72	Fauteuils
	28	30	32	34	36	38	40	42	44	46	48	
	4	6	8	10	12	14	16	18	20	22	24	

10 11 12 13 14 15 16 17 18

31 32 33 34 35 36 37 Gov.or Civil 39

52 53 54 55 56 57 58 59 60

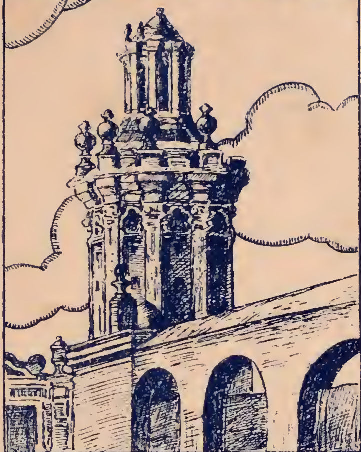
9 10 11 12 13 14 15 16

Entrada

…CHESTRA

O THEATRO GARCIA DE REZENDE

FINIS-LIBRIS



JOÃO ROSA
COLECÇÃO EBURINA

Eis a nobre cidade, certo assento
do rebelde Sertorio antigamente,
onde ora as aguas nitidas de argento
vem sustentar de longe a terra e a gente,
pelos arcos reaes, que, cento a cento,
nos ares se alevantam nobremente
. . . .
Camões – Lusíadas
C. III – LXIII



EDITORES — *Ferreira, Irmão & C.ª*

MINERVA COMMERCIAL

Rua do Paço, 32 — EVORA



PREÇO 200 RÉIS